

LEANDRO LIMA DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA DINÂMICA DO FUTEBOL PROFISSIONAL NA ATUAL
ESTRUTURA DOS CLUBES DE FUTEBOL AMADOR DA CIDADE DE
CURITIBA: UM ESTUDO DE CASO DO TRIESTE FUTEBOL CLUBE.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Fernando Marinho Mezzadri

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Deus; à toda minha família que me deu a estrutura para nunca desistir; aos meus sobrinhos Nicole e Gabriel; à minha noiva Ana Paula por me inspirar a cada dia; ao Professor Fernando Mezzadri que aceitou o desafio de me orientar e em especial à Isabel Martines pela paciência e dedicação com que me conduziu no desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Dedico à minha mãe Izabel pelo exemplo que sempre me foi.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço à Deus por sempre me dar força para viver e sabedoria para conquistar; ao Professor Fernando Mezzadri pela orientação, compreensão e amizade; à Isabel Martines por ter me guiado em cada passo e se mostrado sempre disposta a me ajudar; à minha noiva Ana Paula pela motivação, inspiração e amor que sempre me proporcionou; à minha mãe Izabel por sempre ter acreditado e investido em mim; à minha irmã Adriane por acreditar e estar comigo em todos os momentos; ao meu irmão Júnior pelo carinho e amizade; e ao meu padrasto Mauricio pelo exemplo, apoio e caráter.

Agradeço à minha noiva Ana Paula pelo apoio, amor e incentivo.

“Só sei que nada sei.”

Sócrates

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE SIGLAS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 METODOLOGIA	6
2. O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL BRASILEIRO	9
2.1.O FUTEBOL EM CURITIBA	22
2.2 O TRIESTE FUTEBOL CLUBE	25
2.3 A PARCERIA TRIESTE FUTEBOL CLUBE/STIVAL ALIMENTOS	27
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
3.1 O TRABALHO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DO TRIESTE FUTEBOL CLUBE	29
3.2 FUTEBOL AMADOR ESTRUTURA PROFISSIONAL	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS	42
ANEXOS	44

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da estrutura atual do futebol amador da cidade de Curitiba, por meio de um estudo de caso do Trieste Futebol Clube, buscando perceber se a estrutura do clube pesquisado tem sido modificada ou adaptada de modo a atender à dinâmica do futebol profissional. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando a análise de documentos e a entrevista semi-estruturada como instrumentos de coleta de dados. Os objetivos do estudo foram, fundamentalmente, compreender a estrutura política e administrativa do clube pesquisado, verificar seus interesses e principais fontes de renda, investigar as políticas de formação de jogadores para possíveis negociações com clubes profissionais, analisar a existência de parcerias com empresários ou clubes profissionais e perceber se os campeonatos que o clube participa trazem algum retorno financeiro.

Palavras-chave: Futebol Amador; Trieste Futebol Clube; Futebol Profissional.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the current structure of amateur football in the city of Curitiba, through a case study of Trieste Football Club, seeking to understand the club structure has been modified or searched adapted to meet the dynamics of professional football . To do so was made a qualitative research, using the analysis of documents and semi-structured as tools for data collection. The objectives of the study were, essentially, to understand the political and administrative structure of the club searched, check your interests and main sources of income, investigate the political training of players for possible negotiations with professional clubs, considering the existence of partnerships with businesses or clubs professional and understand that the championships that the club plays bring some financial return.

Key words: Football Amateur; Trieste Football Club; professional football.

LISTA DE SIGLAS

APFA	-	Associação Paulista de Futebol Amador
CBD	-	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	-	Confederação Brasileira de Futebol
CND	-	Conselho Nacional dos Desportos
FBF	-	Federação Brasileira de Futebol
FIFA	-	Federation International de Football Association
FPF	-	Federação Paranaense de Futebol
LCEA	-	Liga Curitibana de Esportes Atlético
LCF	-	Liga Carioca de Futebol
LSC	-	Liga Suburbana de Curitiba

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CLUBES DA DIVISÃO ESPECIAL DO FUTEBOL AMADOR DE CURITIBA	24
QUADRO 2 - CLUBES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO FUTEBOL AMADOR DE CURITIBA.....	24

1. INTRODUÇÃO

A grande popularidade do futebol fez com que ele se transformasse também num valorizado produto comercial. De acordo com Silva e Campos Filho (2006, p. 195) “o futebol está inserido dentro da indústria do entretenimento. Nela, este esporte movimentava cerca U\$ 250 bilhões por ano”.

Campeonatos cada vez mais valorizados e, logo, mais disputados, fazem com que o duelo travado pelos clubes de futebol fora de campo (para terem os melhores jogadores, que atraem público, ganham títulos e valorizam a marca a qual representam) seja tão grande quanto o travado dentro de campo. Nesse duelo, os clubes estrangeiros (principalmente os europeus) pelo fato de participarem de campeonatos muito mais vantajosos financeiramente e terem parcerias milionárias são os “grandes favoritos”.

Dessa forma, os clubes brasileiros vêm “perdendo” seus principais e mais habilidosos jogadores (responsáveis pela beleza do espetáculo) para os clubes do exterior. Nesse contexto, é possível dizer que, entre outros fatores, a falta de jogadores com grande qualidade técnica e/ou famosos, faz com que o valor pago aos clubes brasileiros por patrocinadores e parceiros é bem inferior ao pago aos clubes e campeonatos europeus. Tendo uma fonte de renda inferior, os clubes brasileiros não conseguem competir com os estrangeiros para ter os melhores jogadores, desvalorizando os campeonatos nacionais e supervalorizando os internacionais, sobretudo os europeus. Sobre esse assunto, Alvito (2006, p. 452-453) afirma:

(...) pode ser que a exuberante prosperidade do negócio futebol nos seus centros mais importantes (Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha e França, para citar os principais) tenha como efeito local no Brasil (e em outros locais) exatamente o contrário.

Ao atender a demanda dos principais campeonatos mundiais, a maioria dos clubes brasileiros, devido ao seu amadorismo administrativo, tem na venda de jogadores para clubes estrangeiros, senão a única, a principal fonte de renda. Segundo o jornal *The Economist* do ano de 2005, citado por Silva e Campos Filho (2006, p. 198):

Sem gestão profissional no futebol, os clubes brasileiros não conseguem competir com os salários oferecidos pelos de outros países e como resultado, desde os anos 90, o número de jogadores deixando o país subiu de 130 para 850. Não só os jogadores brilhantes, mas também os de menor expressão, também saem do país para destinos menos óbvios, como Indonésia, Armênia, Islândia e Índia.

Os jogadores brasileiros, em grande parte, são formados em pequenos e modestos clubes. Alguns deles ganham destaque e chamam a atenção por sua rara qualidade técnica e, então, são vendidos aos clubes nacionais de maior expressão (quando ainda não despertou interesse estrangeiro), onde podem ter uma maior visibilidade internacional e então serem transferidos para clubes do exterior.

As negociações milionárias que o futebol proporciona atualmente fizeram com que um bom número de empresários entrasse no mercado esportivo. Além disso, é possível perceber o surgimento de clubes de futebol cujo objetivo não é ganhar campeonatos ou atrair torcedores, mas formar jogadores para serem negociados posteriormente. Nesse contexto, Alvito (2006, p. 467-468) relata:

Hoje em dia já há clubes “artificiais” cujo único propósito é a descoberta de novos talentos a serem negociados, de preferência para algum país europeu. Um bom exemplo é o RS Futebol Clube, fundado em 2001 e pertencente a uma empresa denominada Talento Desportivo S.A., uma sociedade anônima de capital fechado (Damo, 2005a, pp. 199 e segs.). O objetivo deste clube não consiste em ganhar campeonatos ou mesmo conquistar torcedores. Os campeonatos disputados pelo RS Futebol Clube servem apenas dois propósitos: treinar atletas em uma situação competitiva e servir de “vitrine” para seus jogadores. Às vezes a Talento S/A usa clubes tradicionais (como o Juventude de Caxias do Sul, que disputou a 1.^a divisão do campeonato brasileiro em 2005) para exibir melhor os seus atletas e valorizá-los comercialmente. O RS Futebol Clube não está sozinho no mercado. O supermercado paulista Pão de Açúcar criou em 2003 o Pão de Açúcar Esporte Clube. Em 2004, o clube inaugurou um Centro de Treinamento com academia, salas de fisioterapia, alojamentos e quatro campos de futebol. Os jogadores sub-20 jogam com a camisa do Juventus — um clube tradicional da cidade de São Paulo.

A modernização do futebol brasileiro aumentou a competitividade, motivando os clubes a aderirem às parcerias, nem sempre igualmente lucrativa para ambas as partes, mas que injetam uma boa quantidade de dinheiro nos cofres desses clubes. Sobre esse fenômeno, Proni (1998, p. 235) escreve que:

chama atenção a entrada de instituições financeiras no mundo do futebol. Nesse aspecto, há diferentes experiências em curso. A mais conhecida é a do Banco Excel - Econômico, que no início de 1997 estabeleceu uma parceria com o Corinthians e logo depois com o Vitória, da Bahia, comprometendo-se a pagar pelo patrocínio na camisa cerca de R\$ 5 milhões e R\$ 2 milhões por ano, respectivamente, além de contratar jogadores para os times.

Porém, nem todos os clubes conseguem firmar uma parceria com uma grande empresa e ficam dependentes quase que exclusivamente de cotas de TV e venda de jogadores. No entanto, não é todo dia que “nasce” um craque nos centros de treinamentos desses clubes e, para poderem formar equipes e disputar os campeonatos, recorrem às “parecerias” com um outro tipo de investidor: os empresários de jogadores. Por sua vez, esses empresários usam os clubes para que seus jogadores tenham uma maior visibilidade e então consigam negociações mais vantajosas, ficando uma parte (às vezes mínima) para os clubes que serviram de “vitrine”.

Observando a dinâmica que o futebol está inserido, cujo interesse comercial muitas vezes se sobrepõe à paixão, ao “romantismo” e até mesmo à tradição de toda a história de um clube, em que o interesse individual de uma única pessoa (empresário) ou de um pequeno grupo (empresa) é mais valorizado que o de milhares de torcedores, este trabalho propõe especificamente investigar se tal fenômeno tem, de alguma, forma afetado ou modificado os objetivos dos clubes amadores.

As relações entre clubes e empresários nem sempre é boa, e divergências sobre tal assunto sempre são relatadas nos jornais. A fim de exemplificar, podemos recordar uma reportagem do jornalista André Pugliese do Jornal Gazeta do Povo, na edição do dia 22 de junho de 2007, em que destacava as exportações de jogadores de clubes amadores para o futebol europeu:

Do Ahú para o México, de Santa Felicidade para a Itália, da Vila Fanny para Portugal. Da Suburbana... para o mundo! Passar por Atlético, Coritiba e Paraná, que nada. Hoje em dia, em se tratando de negociações de jogadores, o campeonato amador de Curitiba segue a tendência do futebol profissional no Brasil e, cada vez mais, vê seus jovens buscando o sonho europeu (GAZETA DO POVO, 22/07/2007).

A reportagem segue com uma constatação de os empresários viam nos campos da periferia curitibana a possibilidade de encontrar novos craques do futebol e ganhar dinheiro:

Entre os clubes, o assédio de empresários interessados nas possíveis revelações e a vontade da molecada em arrumar a vida divide opiniões. Enquanto alguns cavam trincheiras para se defender dos “piratas da bola”, outros até incentivam ou admitem a exportação. Mas, como naquela propaganda antiga de cigarro, “com alguma coisa em comum”: o fenômeno recente deixa o campeonato mais atrativo e não há como conter as investidas dos agentes (GAZETA DO POVO, 22/07/2007).

Porém essa atitude dos empresários não era bem vista por parte dos times, e muitos reclamavam de terem sido prejudicados com o assedio desses:

No Capão Raso e no Vila Hauer empresário não é bem vindo. “Não sei nem o nome desse demônio, só sei que fala português. Quando é de fora fala tudo enrolado”, revela Emílio de Farias, diretor do Pantera do Bairro, sobre ligações que recebeu de um homem misterioso. Contra-ataque de quem teve no ano passado oito atletas do juvenil capturados. Já no Esquadrão de Aço, o treinador Juarez Mocellin teve que intervir no início do ano e barrar o sonho da moçada (GAZETA DO POVO, 22/07/2007).

Segundo a reportagem, há outros que não resistem às altas propostas e liberam seus atletas para os clubes estrangeiros, com o propósito de ajudar os garotos que dificilmente seriam valorizados no time amador:

Diante do forte apelo da chance de encher o bolso de euros ou dólares o Vila Fanny liberou domingo à noite Alan e Ceará, da sua equipe de juniores, para tentar a sorte em Portugal. “No fundo, eu torço para o menino tomar o rumo. É uma chance de salvá-lo”, comenta Eliseu Siebert, presidente do Fanny. Betinho, 19 anos, centroavante do Iguazu, é a bola da vez. O jogador nega, mas seu destino seria o México. Ele, claro, sonha alto com uma transferência. “Seria muito bom, mas não tem nada certo”, disse. O certo pode vir em breve, através de um auxílio de Cassiano Xavier, representante da Zagallo Sports (empresa de propriedade do filho do ex-técnico Mário Jorge Lobo Zagallo). Da equipe de Santa Felicidade, Peterson também pode partir para o Velho Mundo (GAZETA DO POVO, 22/07/2007).

Assim, nos propomos a observar essa dinâmica no futebol amador. Pela amplitude do tema, seria praticamente impossível analisar as complexas relações estabelecidas em todos os clubes de futebol amador brasileiros.

Portanto, elegemos aqui, como maneira de delimitar as investigações, a cidade de Curitiba como foco principal das análises e, mais especificamente, um dos mais tradicionais clubes de futebol amador da cidade: o Trieste Futebol Clube, integrante da Divisão Especial (Serie A) do futebol amador, com sede no bairro Santa Felicidade.

O campeonato amador da cidade de Curitiba, também conhecido como Suburbana (pois os clubes na sua maioria são oriundos de bairros da periferia), é separado em duas divisões: a Divisão Especial (série A) e a Primeira Divisão (série B). A Divisão Especial reúne as doze melhores equipes de futebol amador da cidade de Curitiba. A 1ª Divisão (série B) é composta por outras dezoito equipes que disputam o acesso à Divisão Especial, o que ocasiona uma grande rivalidade entre os times e entre as torcidas, acirrando a disputa, dentro e fora do campo.

O Trieste Futebol Clube é um dos mais antigos e tradicionais participantes deste campeonato, e representa o bairro de Santa Felicidade. Possui um grande patrimônio e uma torcida fiel, formada basicamente por descendentes de italianos, fundadores do clube.

Optamos por estudar este clube em razão deste ter apresentado um notório crescimento e recentemente ter firmado uma parceria com uma empresa do ramo de alimentos, a Stival Alimentos Indústria e Comércio, o que demonstra a seriedade e até mesmo o profissionalismo que a modalidade é encarada pelo clube, pois caso contrária, certamente, não teria conseguido se aliar a uma empresa para investir em seu clube.

Sendo assim, nos interessa saber especificamente: a estrutura do Trieste Futebol Clube, tem sido modificada ou adaptada de modo a atender à dinâmica do futebol profissional?

Como objetivos específicos, buscamos: compreender a estrutura política e administrativa do clube pesquisado; verificar quais os interesses e as principais fontes de renda desse clube; investigar as políticas de formação de jogadores para possíveis negociações com clubes profissionais; analisar a existência de parcerias com empresários ou clubes profissionais e perceber se os campeonatos que os clubes participam trazem algum retorno financeiro.

A pesquisa se justifica na medida em que essas informações poderão nos ajudar a entender a configuração atual do Trieste, analisando se o termo

“amador” ainda condiz com a realidade atual, ou seja, se os objetivos desses clubes são unicamente de caráter amador ou se existe uma característica semelhante à do futebol profissional, basicamente voltada ao setor comercial, ao lucro.

1.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve um caráter qualitativo, pois realizamos uma análise e interpretação do nosso objeto de estudo, buscando verificar se nele existiam características semelhantes à do futebol profissional, utilizando para isso de entrevista semi-estruturada. A pesquisa qualitativa de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 269):

(...) preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

Em virtude da amplitude do tema e a quantidade de clubes, optamos por analisar somente o Trieste Futebol Clube. Dessa forma, fizemos um estudo de caso, que se caracteriza pelo “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”, (GIL, 1996, p. 58).

Para Marconi e Lakatos (2007, p. 273-274), “a metodologia qualitativa tradicionalmente se identifica com o Estudo de caso. Vem de uma tradição de sociólogos e se caracteriza por dar especial atenção a questões que podem ser conhecidas por meio de casos.” Assim, por se tratar de um estudo de caso, ou seja, por ter estudado apenas um clube, não pretendíamos fazer uma comparação e sim uma interpretação do nosso objeto. Entendemos que seja esta a forma mais apropriada para tal objetivo e que, deste modo, o método “estudo de caso” pôde nos auxiliar no entendimento de nosso problema.

Utilizamos como instrumentos para essa pesquisa a análise de documento e entrevista semi-estruturada. Fizemos à análise documental utilizando jornais e o livro do Trieste Futebol Clube. A análise documental é assim entendida por Gil (1997, p. 51):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser re-elaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

A escolha da entrevista se justificou por se tratar de um instrumento básico para a coleta de dados, proporcionando assim a verificação de um bom número de fatores que pôde nos levar à resposta de nosso problema. Para Marconi e Lakatos (2007, p. 278) a entrevista:

Trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O papel de ambos pode variar de acordo com o tipo de entrevista. Todas elas têm um objetivo, ou seja, a obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas.

O tipo de entrevista que optamos foi a semi-estruturada que foi assim descrita por Marconi e Lakatos (2007, p. 278):

(...) também chamada de assistemática, antropológica e livre – quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão.

A entrevista semi-estruturada é elaborada a partir de um roteiro, que serve como orientação para a realização da entrevista, mas que não é fixo. Portanto, a entrevista é iniciada a partir de algumas questões previamente formuladas e, no decorrer da entrevista, podem surgir outras questões de acordo com as respostas do sujeito entrevistado. As questões norteadoras da entrevista (ver anexo 1) foram elaboradas com vistas aos objetivos gerais e específicos do trabalho, buscando abordar questões pertinentes ao problema de pesquisa.

As entrevistas foram feitas com o coordenador e com o presidente do Triste Futebol Clube. O coordenador foi entrevistado no dia 5 de novembro, às 9 horas da manhã. O presidente nos concedeu a entrevista no dia 17 de novembro às 21 horas na sede do clube. Para isso foram fornecidos aos entrevistados, para que os mesmos assinassem, um Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (ver anexo 2), a fim de formalizar e validar o processo da entrevista. O primeiro entrevistado, o coordenador, colaborou de forma muito satisfatória, respondeu todas as questões que lhe foram feitas e assim possibilitou que chegássemos às informações que procurávamos. O presidente da mesma forma colaborou bastante para que todas as questões propostas fossem esclarecidas.

Para esta coleta esperávamos poder ter acesso à história do Trieste através do museu do clube, porém este ainda não se encontra em funcionamento, dificultando assim que mais detalhes fossem obtidos.

2. O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Para que o leitor possa entender o objetivo desse trabalho, convidamos a acompanhar como o futebol foi introduzido, como se organizou e se desenvolveu aqui no Brasil. Para isso, trilharemos o caminho percorrido por esse esporte até chegar ao estágio atual, lembrando episódios como a aceitação de negros, a profissionalização e a tentativa de transformar os clubes em empresas, bem como fatos da própria história política e econômica do país no processo de modernização do futebol brasileiro.

A versão oficial, e mais conhecida, relata que o futebol chegou ao Brasil trazido pelas mãos de Charles Miller, brasileiro filho do cônsul da Inglaterra, que aprendeu a novidade quando esteve estudando na cidade de Southampton, na Inglaterra. Em 1914 desembarcou no Brasil trazendo na bagagem uma bola, uniforme e um livro de regras, e começou a ensinar o futebol aos seus amigos, ingleses que trabalhavam no Brasil. Embora inicialmente o futebol se restringisse à elite da sociedade brasileira não demorou para que fosse praticado por operários e trabalhadores de classes populares e conseqüente aparecimento de grupos em fábricas de subúrbios e famílias de proletários. Como relata Proni (1998, p. 184):

De qualquer forma, o futebol vinha deixando de se restringir aos clubes e colégios de elite e passando, progressivamente, a ser praticado por operários e trabalhadores de classes populares, apesar do caráter elitista das ligas. Com o surgimento de equipes em fábricas de subúrbio (como foi o caso pioneiro da equipe do Bangu no Rio de Janeiro, formada em 1904), ou com o aparecimento de equipes em bairros de famílias proletárias (como foi o caso do Corinthians Paulista, em 1910), a prática foi se popularizando e se difundindo como um novo elemento do meio social urbano. Em contraposição ao futebol dos clubes de elite, começava a proliferar o chamado "futebol de várzea".

Apesar dessas equipes populares integraram as ligas existentes na época, eram os clubes de elite que controlavam a organização dos torneios, os quais procuravam preservar o caráter elitizado do futebol. Com o progressivo aumento do interesse e visibilidade do futebol, era necessária uma instituição que tivesse a capacidade de organizá-lo e mediar os conflitos que passaram a existir. Assim, no ano de 1916 foi criada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) com a missão de unificar as associações esportivas, formar

seleções nacionais e comandar a participação de equipes brasileiras em torneios internacionais. Em 1919 o Brasil ganhou o seu primeiro título sul-americano, motivando o público que passou a lotar os estádios paulistas e cariocas, pagando ingresso para torcer por seu clube do coração e reverenciar seus ídolos (PRONI, 1998, p. 185).

Com a popularização do esporte, que cada vez mais atraía as multidões, o futebol foi ganhando as características de espetáculo de massa. Isso colocou os clubes (que como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores) numa situação ambígua, pois para poderem atrair espectadores para seus jogos era preciso formar equipes competitivas, tendo então de inscrever jogadores oriundos de classes sociais menos favorecidas, os quais no entendimento dos torcedores apresentavam uma maior habilidade, um estilo de jogar mais bonito de se ver. E nesse aspecto os jogadores de origem operária e negros se destacavam, pois jogavam como o público deseja ver. Foi assim que Arthur Friedenreich, filho de imigrante alemão e de uma mulata, foi jogar no Paulistano, sendo o primeiro jogador negro a se destacar no futebol brasileiro. Com o dinheiro arrecadado nas bilheterias, era feito o pagamento disfarçado a esses jogadores, situação chamada pelos jornalistas esportivos da época de “profissionalismo marrom”. (PRONI, 1998, p. 186)

Dessa forma, o profissionalismo do futebol no Brasil, através de um processo complicado com disputa no campo social e político, foi inevitável. A histórica assembleia de 23 de janeiro de 1933, quando Fluminense, América, Vasco e Bangu criaram a LCF (Liga Carioca de Futebol), ficou marcada como sendo o início da profissionalização do futebol no país. Em São Paulo, motivada pela iniciativa carioca, a APFA (Associação Paulista de Futebol Amador) adotou oficialmente o futebol profissional em 3 de março de 1933. Na sequência as duas principais entidades romperam com a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e fundaram a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Entre 1933 e 1937 as duas Federações conviveram lado a lado, dois modelos de organização, um profissional e o outro amador. A CBD não tinha assegurado o apoio da FIFA por que a FBF reivindicava representar as principais equipes brasileiras. Em 1937 a CBD finalmente reconheceu o

profissionalismo do futebol em troca da preservação de sua posição de legítima representante do esporte no país. (PRONI, 1998)

Os torneios profissionais foram de imediato aceitos pela opinião pública, influenciado pela imprensa esportiva, mas principalmente por que os atletas profissionais tinham uma grande preferência dos torcedores, pois alguns jogadores negros e mestiços possuíam uma ginga especial, um estilo bonito de jogar, eram criativos e empenhavam-se mais nas partidas. Segundo Proni (1998, p. 193):

o sucesso do futebol profissional, enquanto espetáculo de massa esteve intimamente relacionado, tanto a sua preferência como principal opção de lazer coletivo das diferentes camadas médias e baixas da população urbana quanto a ascensão social que ele propiciou – ascensão social não só para os negros, e certamente não para todos que se aventuravam em praticá-lo profissionalmente. Acrescente-se que a presença de profissionais reforçava a identificação do público com seus ídolos, e era essa identificação que permitia aos governantes utilizar o futebol como meio de mobilização das massas.

A nova relação entre jogador e dirigentes estreitou a relação entre política e futebol, ocasionado pela aproximação de políticos locais na modalidade, e pela preocupação de autoridades governamentais de definir uma política nacional para o esporte. Assim, em 1941 surge o CND (Conselho Nacional dos Desportos) com a finalidade de disciplinar a prática esportiva e colaborar para o desenvolvimento desportivo do país, atuando como órgão normativo e fiscalizador, responsabilidade até então da antiga CBD (Confederação Brasileira de Desportos). O CND, inclusive, tinha permissão de interferir nas Federações Estaduais, podendo nomear pessoas de sua confiança (interventores) para resolver problemas administrativos, exigir alvarás de funcionamento e “impor” um modelo de estatuto a ser seguido pelos clubes esportivos. (PRONI, 1998)

Seguindo a herança do governo de Getúlio Vargas, o governo militar procurou ordenar o funcionamento da esfera esportiva no Brasil, regulamentando a venda do passe (regulamentada em 1976, dizia que um atleta teria direito ao “passe livre” depois dos 32 anos e caso tivesse permanecido por mais de 10 anos vinculado ao mesmo time. Em 1986, o CND reviu essa regulamentação e estipulou que a partir dos 28 anos o atleta teria

direito, gradualmente, a uma parcela do “passe” (30% aos 28, 45% aos 29, 60% aos 30, 75% aos 31 e 90% aos 32)), em 1968, passando a ser exigida a concordância do atleta nos termos da transação e garantindo-lhe 15% do valor da negociação. Em 1969 foi criada a Loteria Esportiva a fim e gerar fundos para fins sociais e promoção do desporto, cabendo ao CND a distribuição desses recursos. Em 1971, marcando a história do futebol brasileiro, foi criado o Campeonato Nacional de Clubes. Em 1976 a profissão de jogador de futebol foi regulamentada por Lei Federal (PRONI, 1998).

O Estado brasileiro exerceu um papel decisivo nos principais momentos de reestruturação do futebol profissional. Tanto a indução ao profissionalismo e a criação do CND durante a primeira Era Vargas (1º governo do Presidente Getúlio Vargas correspondente ao período de 1930ª 1945), quanto à implantação do Campeonato Nacional de Clubes, a regulamentação da profissão de jogador de futebol e a criação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), durante o período de Ditadura Militar, podem ser interpretadas como passos importantes na direção da atualização do futebol brasileiro em relação ao europeu, de um lado, e da busca da vida civil disciplinada e da integração nacional através do esporte, de outro. Independentemente dos motivos dessa intervenção, o que importa é que, durante os primeiros cinquenta anos de existência, o futebol profissional precisou da tutela do Estado para se estruturar e crescer (PRONI, 1998).

Depois de estabelecidas as características do futebol profissional e a implantação do Campeonato Nacional, os clubes passam por uma crise financeira na década de 1980 influenciada pela redemocratização e recessão econômica a que passava o país. Essa crise fez com que os clubes tivessem de se desfazer de seus melhores atletas, negociando o “passe” desses, já que as principais fontes de renda tinham tido uma queda com o esvaziamento dos estádios. Isso demonstrava a fragilidade das formas tradicionais de administrar o futebol. Ainda no final da década de 1970, já se observava que em relação ao futebol europeu, a defasagem estrutural do futebol brasileiro já era grande. Por aqui ainda “imperava” a desorganização nas federações com alterações freqüentes de datas e horários de jogos, impedindo qualquer credibilidade. Na Europa, o futebol era bem planejado, com várias equipes testando novas estratégias de marketing e implementando métodos modernos de

administração esportiva, com fontes de renda permanentes e campeonatos mais lucrativos (PRONI, 1998).

Todos esses problemas do futebol eram apresentados como carência de organização e planejamento, sendo que para isso se buscava soluções em fórmulas mais eficazes para aumentar as arrecadações, evitando assim de se fazer uma mudança no aparato jurídico-institucional do futebol. Quando da recessão econômica de 1981-1983 e o descontrole da inflação, o futebol brasileiro passou pela maior crise desde a sua profissionalização. Porém, de acordo com o sociólogo Helal, citado por Proni (1998, p. 206):

A “crise do futebol brasileiro” é explicada pelo modelo “tradicional” de organização do futebol, baseado no amadorismo dos dirigentes e na política de troca de favores entre clubes e federações. Este modelo é o responsável pela desorganização dos campeonatos, gerando jogos deficitários que acabam contribuindo para a emigração dos craques para o exterior. Este êxodo não somente diminui a qualidade dos jogos, mas gera uma escassez de ídolos, elementos importantes para promover a identificação coletiva. Isto acaba levando à queda de público, que afeta as finanças dos clubes, aumentando o êxodo e assim por diante.

Entre os anos de 1987-1988 a venda de jogadores brasileiros para o exterior teve um aumento significativo. Primeiro eram os atletas consagrados, de clubes de tradição e com passagem pela seleção os mais procurados. Depois, com a proliferação de “empresários” interessados na intermediação das vendas, bastava que um jogador promissor fosse oferecido a um preço compensador. O futebol brasileiro havia se transformado numa espécie de “seleiro de craques” para o futebol europeu, tornando essa a principal estratégia de sobrevivência de quase todas as grandes equipes nacionais. Em 1985-1986 a média de público nos estádios voltava a cair, mesmo com a recuperação da economia brasileira, demonstrando que não era apenas a situação econômica que influenciava no desempenho desse setor. A falta de atrativos do espetáculo (os grandes craques estavam no exterior) e a má organização, prejudicavam as arrecadações (PRONI, 1998).

A situação financeira dos clubes motivou um debate pela necessidade de mudança na estrutura do futebol, polarizando em dois tipos de posições: De um lado, os dirigentes de federações estaduais e da CBF responsabilizavam a crise econômica e buscavam em “fatores externos” a causa do problema, de

outro, alguns dirigentes de clubes e alguns jornalistas apontavam para a estrutura administrativa arcaica e para a legislação inadequada como os principais obstáculos à saída da crise. Esse debate estendeu-se no âmbito do Congresso Nacional, por iniciativa do deputado federal Márcio Braga (dirigente do Flamengo). A posição da cúpula dirigente era a tese de que a CBF vinha fazendo o possível para solucionar os problemas e atender aos interesses dos clubes. De acordo com o Sr. Giulite Coutinho, então presidente da CBF, em palestra conferida no Ciclo de Debates promovido em 1983 pela Câmara dos Deputados¹, em Brasília, “não existia exatamente uma crise e sim um desajuste indesejado”. Assim, ele atribui a responsabilidade pela situação à forma de gestão dos clubes, que ao contrário da Europa, era totalmente amadorística, e à conjuntura econômica e social do país. A CBF já havia tomado algumas providências administrativas, como a dispensa de contribuição de clubes e federações à entidade, a participação dos clubes (75%) e das federações (25%) na porcentagem da Loteria Esportiva, o equacionamento das relações com a televisão e a reformulação do campeonato nacional (PRONI, 1998).

Ainda segundo Proni (1998, p. 211):

para os especialistas que na época debatiam sobre a questão, o quadro era diferente: o amadorismo dos dirigentes, a dualidade do calendário, a divisão desequilibrada de poder entre federações e clubes, assim como uma legislação esportiva inadequada (interferia nos estatutos dos clubes e restringia a sua capacidade de captação de receitas), foram mencionados como os principais desvios estruturais do futebol brasileiro.

E foi nesse período de crise financeira e de busca por mudanças, em especial pela forte pressão dos clubes paulistas e cariocas, que o futebol brasileiro “inseriu” o “marketing esportivo²” no seu planejamento. Entendido na ocasião como simplesmente uma forma das empresas explorarem a publicidade através do esporte, pois não percebiam ainda que este visava “melhorar o conceito do produto (oferecendo um espetáculo de melhor

¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Anais do Ciclo de Debates: Panorama do Esporte Brasileiro. Painel 2: “Profissionalismo no Futebol e a Estrutura Atual”. Coordenação de Publicações, 1984, p. 110-115.

² Marketing Esportivo: Fortalecimento da imagem de uma organização empresarial através do patrocínio, apoio ou a promoção de atividades esportivas. Disponível em http://www.geocities.com/mba_marketing2001/termos_mkt.htm, acesso 26/11/2008.

qualidade ao consumidor e tornando-o mais atraente aos patrocinadores e à televisão), assim como implementar um gerenciamento profissional e mais racional” (PRONI,1998, p. 212).

Com a permissão da exploração do uniforme dos times pelos patrocinadores, gerou-se novas possibilidades financeiras aos clubes de futebol. Com o aumento da programação esportiva na televisão, o futebol se consolidou como um veículo de propaganda, fazendo com que as emissoras de TV se tornassem as maiores incentivadoras do marketing esportivo. Porém, como ainda persistia a “administração amadora de clubes e federações, desorganização dos campeonatos (constantes mudanças na tabela) e instabilidade interna na direção dos clubes (descumprimento de acordos)”, Proni (1998, p. 213) o interesse mais agudo de empresas na divulgação de seus produtos através do futebol, era inibido (PRONI, 1998).

Em 1987 isso começou a mudar, com a organização da Copa União pelos clubes, considerada relativamente bem sucedida em termos de marketing. Nesse ano a crise estrutural do futebol brasileiro atingiu um ponto crítico, fazendo com que o presidente da CBF anunciasse que a entidade não tinha mais recursos para organizar o Campeonato Nacional (o dinheiro da Loteria Esportiva, que vinha perdendo apostadores para outras loterias, havia sido desviado para áreas sociais). Deste modo, restava aos clubes arcar com as despesas do campeonato. Assim, os presidentes das equipes de maior torcida do país criaram o “Clube dos Treze³”: quatro equipes de São Paulo (Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos), quatro do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), duas de Minas Gerais (Atlético-MG e Cruzeiro), duas do Rio Grande do Sul (Internacional e Grêmio) e uma da Bahia (Bahia). Contando com o apoio de patrocinador oficial, de uma empresa de viagens aéreas e de uma emissora de televisão, a Copa União visava garantir uma rentabilidade mínima aos participantes e resgatar o interesse do torcedor e, “com a missão autodesignada de reestruturar a organização do futebol profissional, buscando implantar diretrizes mais racionais e desbancar o autoritarismo da CBF”, surgia o Clube dos Treze (PRONI,1998, p. 213).

³ O Clube do s Treze hoje é formado por vinte clubes. Além dos treze clubes que deram origem integram hoje outros sete: Coritiba, Goiás, Sport Recife, Portuguesa, Atlético Paranaense, Guarani e Vitória.

A CBF ameaçou desfiliar os clubes, pois era contra a realização do novo torneio. As rivalidades esportivas e os interesses particulares de alguns dirigentes, bem como as influências políticas da CBF, dificultaram um consenso por parte dos clubes para declarar o Clube dos Treze “comandante” do campeonato Nacional. Por fim todos entraram num acordo, preservando o poder constituído da CBF, mas marcando o processo de modernização do futebol brasileiro com o sucesso do torneio e à atitude rebelde por parte dos clubes (PRONI, 1998).

Deste modo, o caminho do marketing esportivo foi descoberto. Entretanto a continuidade daquela velha estrutura político-institucional impedia a sua exploração. Sem dizer que os problemas financeiros dos clubes ainda persistiam. A crise fiscal do Estado e o advento da Nova República (1985) apontavam para o declínio da tutela estatal sobre o futebol, exigindo uma organização mais autônoma e profissional por parte dos clubes. Momento em que se era necessário limpar “o entulho autoritário” e criar um novo ambiente jurídico, uma configuração institucional mais moderna, que permitissem aos clubes o salto para a “modernidade” (PRONI, 1998).

O cenário político do Brasil na década de noventa muda de forma significativa, principalmente com a eleição de Fernando Collor para a presidência. Nesse contexto o papel do Estado na intervenção do esporte é rediscutido, principalmente no que se refere ao papel do CND e à legislação desportiva. Depois de 1993 aconteceram profundas mudanças na economia brasileira, movidas principalmente: pela abertura do mercado interno; valorização da nova moeda (Real, criada em 1994); estímulo à importação de máquinas para aumentar a produção e a progressiva flexibilização das relações de trabalho colocaram a “globalização” e a “liberalização” na ordem do dia, criando um ambiente propício à sobreposição da desgastada “ética nacional-desenvolvimentista” (que considera o esporte um fator de integração social e de identidade nacional) pela “ética do mercado” (que privilegia as conquistas individuais e a satisfação do consumidor, e coloca o marketing como um fator dominante do esporte) (PRONI, 1998).

Nesse momento são observados dois movimentos em prol da reconfiguração do mundo futebolístico: de um lado, a alteração na legislação desportiva e o surgimento de um novo quadro jurídico para estimular o futebol-

empresa; de outro, as diferentes estratégias adotadas por federações e por muitos clubes para acompanhar as mudanças induzidas pelo desenvolvimento do marketing esportivo (crescente valorização dos torneios e dos contratos de patrocínio) e pelas condições da concorrência internacional, ou simplesmente para ampliar receitas e tentar saldar dívidas (PRONI, 1998).

No início de 1991 foi encaminhado para apreciação do Congresso Nacional o “Projeto Zico”, motivado pela necessidade de providenciar uma nova legislação e pelo desejo de modernizar e democratizar as instituições esportivas. Esse projeto destinava-se, em especial, a: (1) regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional; (2) rever a partição dos recursos da Loteria Esportiva; (3) extinguir a “lei do passe” e estabelecer uma nova norma para o contrato de trabalho do atleta profissional, (4) redefinir os mecanismos de supervisão e assegurar a autonomia estatutária dos clubes, e (5) buscar mecanismos mais democráticos e transparentes de representações e administração das federações e da CBF. De acordo com Artur Antunes Coimbra (o Zico), em Fórum realizado em Porto Alegre, a profissionalização Administrativa era um aspecto fundamental dessa revolução, como afirmou: “(...) o futebol deve ser tratado e administrado de forma profissional, deixando de lado o amadorismo e o paternalismo que existem hoje em dia. Mudando esta estrutura, os clubes teriam condições de obter resultados satisfatórios no sentido financeiro” (PRONI, 1998, p. 218).

Proni destaca ainda a preocupação dos clubes com o Projeto:

Muitas das idéias revolucionárias do projeto inicial foram consideradas avançadas demais para o contexto brasileiro, pois a maioria das equipes ditas profissionais não estava preparada para transitar para um novo *status* jurídico, que implicaria uma maior transparência nas suas negociações comerciais, o pagamento de impostos sobre rendimento líquido e, principalmente, a necessidade de participar de campeonatos rentáveis. Como a esmagadora maioria dos campeonatos estaduais era deficitária e só uma parcela das equipes participava de uma das divisões do campeonato brasileiro (sendo que só a primeira divisão era economicamente viável), a perda de regalias e isenções fiscais obrigaria muitos clubes a fecharem suas portas ou transformarem-se em equipes amadoras. (PRONI, 1998 p. 218-219).

Os clubes também temiam que o fim da “lei do passe” os levassem à falência (causando um grande desemprego entre jogadores e técnicos), e elevasse ainda mais os salários e as reivindicações dos atletas empregados, e

retirasse de grandes clubes a possibilidade de lucrar com a transferência de jogadores para equipes estrangeiras. Também a transformação dos clubes em empresas diminuiria o controle dos Conselhos Deliberativos sobre o departamento de futebol profissional. O posicionamento da CBF e das 27 federações estaduais era totalmente contrária, pois temiam perder o poder se um novo sistema eleitoral fosse imposto aos clubes e federações, juntamente com a autonomia para a criação de ligas fossem imposta, transferindo para as grandes equipes o controle sobre o futebol brasileiro. Dessa forma, temendo uma nova interferência do Estado em suas atividades, em 1991 a CBF antecipou-se à votação do projeto e alterou seus estatutos, assegurando a continuidade de sua diretoria (presidida por Ricardo Teixeira) estendendo o seu mandato para quatro anos (PRONI, 1998).

Para poder viabilizar a aprovação da Lei 8.672, a Lei Zico, sancionada em julho de 1993, o projeto teve de ser completamente transfigurado, mantendo algumas idéias, mas sem mexer radicalmente com a estrutura administrativa do futebol brasileiro. Pontos polêmicos como o fim da “lei do passe” tiveram de ser retiradas, além de outras emendas e alterações visando relativizar e dar maior flexibilidade às normas legais. De um modo geral, as medidas regulamentadas pela “Lei Zico”, como passou a ser chamada, acabaram deixando à iniciativa dos próprios dirigentes esportivos a incumbência de implementar uma maior profissionalização na estrutura global do futebol. A *permissão* – e não a obrigação – conferida aos clubes para se converterem em empresas comerciais não foi usufruída de imediato: a capitalização do departamento de futebol dos clubes não passava pela criação do “clube empresa”. O modo como o Projeto Zico foi discutido e alterado no Congresso Nacional é uma evidência da força política dos principais dirigentes esportivos do país. Um *lobby* na Câmara dos Deputados, impediu que a modernização desenhada pelo Executivo se plasmasse, dando-lhe um novo formato (PRONI, 1998 p. 219).

Em 1996, o Ministério Extraordinário dos Esportes (que havia sido criado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso para ser comandado por Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé”) apresentou à comunidade esportiva uma proposta de extinção gradual do “passe”, que previa conceder o “atestado liberatório” a todo jogador profissional que tivesse 26 anos de idade ou mais

em janeiro de 1997; 25 anos em janeiro de 1998; e 24 anos em janeiro de 1999. Assim, as equipes que investissem na formação de jogadores teriam a possibilidade de uma compensação justa, e haveria um período de transição para que os clubes se adaptassem ao novo contexto. Além disso, Pelé pretendia com a nova regulamentação, modernizar não só as relações de trabalho, mas o próprio funcionamento dos grandes clubes, que precisariam acelerar a profissionalização da gestão e a reestruturação dos campeonatos para poder competir com as equipes estrangeiras na hora de renovar os contratos de seus principais jogadores (PRONI, 1998).

Mais uma vez a resistência para a alteração na lei do passe foi muito grande. Mas desta vez essa resistência não veio apenas de dirigentes, preocupados com a redução do patrimônio das equipes, mas também dos próprios jogadores que temiam perder seus empregos ou encurtar suas carreiras. Embora o sindicato dos atletas apoiasse a proposta, a grande maioria dos jogadores eram contra, possivelmente por entender que as equipes pequenas (que representam mais de 80% dos empregos) não teriam mais interesse em jogadores com idade superior a 24 anos. Dessa forma Pelé teve de “ceder” e a resolução publicada no Diário Oficial em outubro de 1996 concedeu o atestado liberatório a jogadores com mais de 30 anos e estabeleceu um prazo maior para a transição (PRONI, 1998).

Diante das dificuldades encontradas para reestruturar o futebol brasileiro, inclusive por falhas ou brechas do texto da Lei Zico, o Ministério Extraordinário dos Esportes resolveu encaminhar um novo projeto de lei, em setembro de 1997, que pretendia restaurar parte do controle que o Estado perdera sobre as entidades esportivas. Ao propor a revogação da Lei 6.354/76 (que regulamentava a profissão de jogador de futebol), o projeto também pretendia retirar as proteções que a legislação garantia aos clubes (lei do passe) e aos atletas (15% na transferência e limite de três anos na duração do contrato), deixando que o esporte passasse a ser regulado pelas leis do mercado (PRONI, 1998).

Em março de 1998, a Lei 9.615/98, ou Lei Pelé como passou a ser chamada, foi sancionada, reformulando alguns artigos da Lei Zico referentes ao funcionamento do sistema esportivo profissional, redefinindo o marco legal que rege o futebol brasileiro. Destaque para o artigo nº 27 o qual diz que as

competições de atletas profissionais são privativas de (a) sociedades civis de fins econômicos, (b) sociedades comerciais e (c) clubes que constituam sociedade comercial para administrar o esporte profissional. O artigo nº 28 estabelece que o vínculo do atleta profissional com o clube é regido pelo contrato de trabalho e deixa de existir no término do mesmo. O artigo nº 29 diz que o clube formador tem direito de assinar o primeiro contrato de profissional do atleta, que não poderá exceder dois anos de duração. E artigo nº 93 (talvez o mais importante), que determinava o fim do “passe” três anos após essa lei entrasse em vigor. Mais uma vez, portanto, a interferência do Estado impulsionou o futebol brasileiro para o rumo da modernização, cabendo aos clubes se adaptar às novas “regras” e escolher a melhor estratégia para “sobreviver” num mercado cada vez mais competitivo e dinâmico (PRONI, 1998).

Assim sendo, marcado por disputas políticas e interferência do Estado, o futebol brasileiro caminhou rumo ao desenvolvimento administrativo e estrutural. O fenômeno da globalização ocasionou um efeito cascata no futebol mundial, onde as conseqüências ou a “mecânica” do mercado esportivo na Europa é imediatamente sentida aqui no Brasil, principalmente por ser um país muito mais fornecedor e não especificamente consumidor do espetáculo (embora nos últimos anos tenha se tornado também consumidor, haja vista a crescente alta das cotas de televisão, demonstrando que é um dos principais produtos da indústria do entretenimento) a cada ano os clubes brasileiros negociam seus principais jogadores para suprir a demanda dos milionários campeonatos europeus, em detrimento da qualidade dos campeonatos locais.

Reflexo disso podemos detectar quando olhamos a escalação da seleção brasileira (que teoricamente conta com os melhores jogadores do país) e constatamos que a grande maioria dos atletas convocados pelo treinador joga no exterior. Alguns desses sequer completaram uma temporada num clube daqui e já foram negociados. Causando até uma falta de identidade com a torcida, que ultimamente não torce com tanto entusiasmo pela seleção como em outros tempos.

Nosso país certamente é o principal “fornecedor” de jogadores de futebol para o mundo. A cada ano que passa surge uma nova promessa de craque, sem contar naqueles que por aqui nem despertaram tanta atenção,

mas quando percebemos já estão em um clube do exterior marcando gols e sendo super valorizados. Esses anônimos geralmente são descobertos por “olheiros” (pessoas com um conhecimento no futebol que descobrem garotos com potencial para jogar) espalhados pelo Brasil, em algum campo ou praça. Existem também as “peneiras”, que são eventos promovidos pelos pequenos e grandes times, onde se é dada a oportunidade do garoto em alguns minutos mostrar o que sabe fazer e, se chamar a atenção, é lhe dada a condição de treinar no clube e a possibilidade de se tornar um jogador.

O sonho de se tornar um jogador de futebol não mais se restringe ao menino pobre e/ou negro que via nessa profissão a chance de mudar de vida e ajudar a família. Hoje esse é o desejo da maioria das crianças (inclusive garotas, com o crescimento do futebol feminino) independente de classe social ou cor de pele, principalmente pela grande repercussão, dinheiro e fama que a profissão “oferece”. Porém, essa é uma realidade para a minoria dos jogadores. E contanto com essa demanda de mercado, tanto de clubes que precisam de jogadores, quanto de jogadores que precisam de um clube para “mostrar seu futebol”, tem se observado a grande proliferação de agentes ou, como são mais conhecidos, de empresários de jogadores, que tem a missão de gerenciar a carreira desses, encaixando-os em algum clube, no Brasil e principalmente no exterior. Situação esta que já nos anos oitenta era evidenciada, como relata Proni (1998, p. 207):

Em 1987-1988, acelerou-se a migração de jogadores brasileiros para o exterior, num ritmo sem precedentes. Primeiro, a procura era por atletas consagrados, pertencentes a clubes de tradição, e de preferência com passagens pela seleção. Depois, dada a proliferação de “empresários” interessados na intermediação das vendas, bastava que um jogador promissor fosse oferecido a um preço compensador.

Desse modo o futebol brasileiro avançou até os dias atuais onde este esporte se tornou um espetáculo de massa e conseqüentemente, na maioria das vezes, com um retorno financeiro muito grande para os investidores. Veremos adiante a nível local a chegada e desenvolvimento do futebol, bem como a configuração do campeonato de amadores, objeto de nosso estudo.

2.1 O FUTEBOL EM CURITIBA

Veremos a seguir como o futebol chegou ao Paraná, especificamente na cidade Curitiba, o desenvolvimento desse esporte como também o aparecimento das primeiras equipes amadoras.

Tal como existem muitas versões sobre a introdução do futebol no Brasil, no Estado do Paraná e mais especificamente em Curitiba, também não há muita clareza sobre a data da chegada desse esporte. De acordo com Machado e Chrestenzen (2008), os primeiros adeptos do futebol datam do ano de 1908, mas foi em 1909 que Charles Wright, que praticara este esporte na Inglaterra, chegou à cidade de Ponta Grossa trazendo os equipamentos necessários para a prática do futebol: chuteiras, uniformes e bola de couro. Em Curitiba, o futebol começou a se difundir através do jovem Frederico "Fritz" Essenfelder, como relata Machado e Chrestenzen⁴:

No mês de julho de 1909, regressava da cidade de Pelotas (RS), para Curitiba, o jovem Frederico "Fritz" Essenfelder, que conhecia bem o novo jogo, já amplamente praticado naquela cidade gaúcha. Ele conseguiu reunir muitos jovens que se interessavam pelo futebol, realizando os primeiros ensaios num campo atrás do Quartel da Força Policial do Estado, entre as ruas Marechal Floriano Peixoto e João Negrão.

Dessa forma, o futebol começou a ser praticado em Curitiba, de maneira amadora e, conseqüentemente, começaram a se organizar os primeiros times e clubes.

O primeiro campeonato oficial foi disputado em 1915, chamado de divisão de honra. Paralelamente a esse campeonato se disputavam inúmeras competições que envolviam equipes de bairros. Sobre isso Levi Mulford em sua coluna no jornal Tribuna do Paraná (30/01/2003, p. 28), relata:

O primeiro campeonato oficial da divisão de honra aqui no Paraná foi disputado em 1915 e já naquele ano existia a chamada segunda divisão. Antes disso, apenas aconteciam partidas amistosas e segundo registros, já havia futebol em Curitiba desde o 1908. Enquanto os campeonatos da principal divisão seguiam

⁴ Como nasceu o futebol em Curitiba. Disponível em <http://www.historiadofutebol.com.br/index.php/home/brasil/parana/1-historiaparana/1-como-nasceu-o-futebol-em-curitiba>. Acesso em 8/10/2008.

naturalmente, sem qualquer interrupção até os dias de hoje, em que a Federação Paranaense comanda os destinos do nosso futebol, surgiu em 1917 a Liga Curitibana de Esportes Atlético, verdadeiro celeiro de craques onde alguns clubes como o Junak (posteriormente Juventus) e Savóia (posteriormente Água Verde e Pinheiros) se destacavam e passavam à divisão principal. Outro clube que se destacou na saudosa LCEA foi o Ipiranga FC o chamado vovô da suburbana. Foi bicampeão daquela liga nos anos de 1935 e 36. No dia 13 de dezembro de 1937 extinguiu-se a LCEA e o seu imobiliário foi doado ao Asilo São Luiz. A sub-liga Curitibana passou a organizar os campeonatos amadores de Curitiba. Em 1939 fundou-se a Liga Suburbana de Curitiba (LSC), que realizou grandes campeonatos com a maioria dos jogos realizados no saudoso Parque Graciosa no Juvevê, antigo campo do Coritiba FC, posteriormente do Britânia e do Palestra Itália. A partir de 1948 a FPF tomou conta dos campeonatos da chamada suburbana criando a 2.^a e 3.^a divisões. (A 1.^a divisão abrigava os clubes profissionais.) O progresso em nosso amadorismo foi bastante acentuado com o correr dos anos e a FPF teve que separar o "joio do trigo", fazendo a primeira reclassificação em 1959, com Vectogório Calvo no comando, e a segunda em 1965, com o dr. Osmar Toniolo como o comandante do departamento amador.

Como podemos observar a história do futebol amador e dos campeonatos amadores em Curitiba se misturam com a do futebol profissional, e a tradição e rivalidade dos times de bairros é quase centenária. Hoje são cerca de 40 clubes de futebol amador espalhados pelos bairros da cidade de Curitiba, sendo que 12 fazem parte da Divisão Especial, na qual o Trieste Futebol Clube, objeto do nosso estudo, é integrante (ver quadro 1). A 1.^a Divisão ou série B, é composta por 18 equipes, as quais disputam o acesso à Divisão Especial (ver quadro2).

QUADRO 1 - CLUBES DA DIVISÃO ESPECIAL DO FUTEBOL AMADOR DE CURITIBA

Clubes Divisão Especial (série A) 2008			
Associação Clube Esportivo Urano Fundado em 20.08.1968	Clube Atlético Bairro Alto Fundado em 30.05.1987	Combate Barreirinha Futebol Clube Fundado em 08.05.1945	Sociedade Operária Beneficente Iguazu Fundada em 06.06.1919
Trieste Futebol Clube Fundado em 08.06.1937	Uberlândia Esporte Clube Fundado em 09.09.1959	União Capão Raso F.C. Fundado em 01.11.1952	União Nova Orleans Fundado em 06.01.1973
União Recreativa Santa Quitéria Fundado em 01.05.1971	Vasco da Gama Futebol Clube Fundado em 06.06.1937	Vila Fanny Futebol Clube Fundado em 12.10.1952	Vila Hauer Esporte Clube Fundado em 26.05.1950

Fonte: www.federacaoopr.com.br.

QUADRO 2 - CLUBES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO FUTEBOL AMADOR DE CURITIBA

Clubes Primeira Divisão (série B) 2008			
Associação Beneficente Esportiva Flamengo Fundado em 20.07.1972	Caxias Futebol Clube Fundado em 15.02.1953	Clube Atlético Campo do Santana Fundado em 01.07.2004	Expressinho Clube de Futebol Fundado em 20.08.1989
Grêmio Recreativo Ipiranga Fundado em 07.01.1963	Imperial F.C. Fundado em 24.04.1955	Olaria Futebol Clube Fundado em 17.05.1945	Operário Pilarzinho Sport Club Fundado em 29.06.1951
Osternack Esporte Clube Fundado em 23.06.2000	Santíssima Trindade F.C. Fundado em 20.07.1986	São Paulo Esporte Clube Fundado em 07.09.1965	Esporte Clube Sergipe Fundado em 16.04.1963
Sociedade Beneficente e Esportiva Rio Negro Fundado em 10.12.1996	Sociedade Educativa Tanguá Fundado em 08.08.1943	Sociedade Recreativa Esportiva Bangu Fundado em 14.10.1937	Sociedade Beneficente Recreativa Olympique Fundado em 12.06.1992
União Ahú F.C. Fundado em 25.10.1938	Ypiranga Foot-Ball Club Fundado em 16.01.1930		

Fonte: www.federacaoopr.com.br.

Hoje temos visto o surgimento e a reestruturação de clubes em busca de uma “adequação” à competitividade comercial e à própria sobrevivência no cenário esportivo. E o futebol amador, ao que tudo indica, segue um rumo muito parecido do futebol profissional, como veremos adiante na análise do Trieste Futebol Clube.

2.2 O TRIESTE FUTEBOL CLUBE

O Trieste Futebol Clube foi fundado oficialmente em 8 de junho de 1937, por imigrantes italianos oriundos da cidade de Trieste, região de Vêneto, que se instalaram na colônia de Santa Felicidade, na cidade de Curitiba. Machado e Chrestenzen (2006, p. 38) relatam tal fato:

Os membros das famílias FERRO, MURRARO, CUMAN, ANZOLIN, LUCCA, TÚLIO, ESMANHOTO, STELLA, ZEM, JUSTI, VOLPI e BENATO, dentre outros aficionados por futebol, procuravam jogar suas peladinhos no campo do Iguazu, porém, só conseguiam fazer parte de alguma equipe em último caso – quase sempre ficavam de fora, só olhando. Existia certa discriminação para com os “italianos” do Monte Bérico.

A partir dessa situação começaram a procurar um local em que pudessem praticar o futebol, sem ter que depender de “favores”. Conseguiram um terreno que servia de pasto, pertencente a Jerônimo Muraro que cedeu o local para que pudessem construir o campo de futebol, o qual quando estivesse pronto teriam de pagar um aluguel. Os próprios colonos, após seu período de trabalho, fazia “horas extras” na construção do campo, como podemos ver no relato de Machado e Chrestenzen (2006, p. 38):

Após a jornada diária nas lavouras de hortigranjeiros e nas parreiras, os colonos italianos levaram os seus arados, enxadas, foices e machados para umas “horas extras”, de duro trabalho, a fim de preparar o terreno para um campo de futebol. Muitas carroças, com terra, foram necessárias para aplainar o terreno. Depois de muitos e muitos dias, os companheiros concluíram a tarefa. Entre eles, José Ferro de Antônio, Pedro Ferro de Vitória, Antônio Ferro de Vitória, José Ferro de Vitória, Carlos Ferro, Victor Ferro, Luiz Cuman, Frederico Cuman, João Antonio Cuman, Celestino Cuman, José Cuman, Alfredo Volpi, Pedro Zem, Dante Zem, João Lucca, José Anzolin, Pedro Anzolin, José Muraro, Ervelino Muraro, Francisco Muraro, Jerônimo Muraro, Orlando Esmanhoto, Luiz Stella, Ângelo Stella, Domingos Benato, Mário Justi e outros. Finalmente, o campo

de futebol para as suas peladinhos estava pronto! Em finais de semana, os amigos se reuniam e jogavam futebol. Agora podiam praticar o esporte favorito em um campo próprio. Havia lugar para todos, ninguém ficava de fora. A alegria e o congoamento reinavam entre os imigrantes. Assim, os dias foram passando.

Passado algum tempo o proprietário do terreno não queria mais alugar e sim vender o local, porem por um preço muito alto o que impossibilitou de imediato a compra. Então José “Bepi” Ferro teve a idéia de anunciar que o campo seria construindo em sua propriedade. A noticia logo chegou aos ouvidos do proprietário que fez uma nova proposta e dessa vez foi aceita, e o terreno foi arrematado por \$4000,00 (quatro contos de réis), e por exigência da proprietária todas as promissórias foram assinadas por José “Bepi” Ferro. Foi ele também quem comprou o uniforme do time:

Bepi Ferro plantava batata-doce, em sua propriedade, juntamente com a família. De repente, pediu 20 mil réis, emprestados, para dona Carmélia, sua esposa, dizendo que precisava ir para a cidade comprar camisas. A esposa não entendeu muito bem aquela conversa, mas entregou o dinheiro ao Bepi. Este, por volta das 14 horas, tomou o lotação e foi até o centro de Curitiba – naquele tempo era uma viagem demorada. José “Bepi” Ferro comprou, então, o primeiro jogo de camisas, cujas cores eram em VERMELHO, VERDE E BRANCO, coincidentemente as mesmas cores da bandeira ITALIANA e da equipe italiana – TRIESTINA – da cidade de TRIESTE, local de nascimento de muitos imigrantes. Os amigos gostaram muito do novo uniforme. Ah, o Bepi Ferro, depois de fazer a “coleta” junto aos companheiros-fundadores, devolveu o dinheiro emprestado por dona Carmélia (MACHADO e CHRESTENZEN, 2006 p. 39).

De acordo com Machado e Chrestenzen (2006, p. 39), “o nome do time, obviamente, não representou nenhum problema para os amigos, só poderia ser um que tivesse ligação com suas raízes – surgia, assim o TRIESTE FUTEBOL CLUBE”.

Um fato interessante é que “desde o inicio dos anos 30, quando se uniram e criaram o Trieste Futebol Clube, os companheiros-fundadores, até junho de 1937, não haviam oficializado a fundação do clube, embora em 1933 tivessem eleito uma diretoria, que ficou a frente dos destinos e atividades até o ano de 1937” (MACHADO E CHRESTENZEN, 2006, p. 39).

A partir de então o Trieste foi se tornando um dos principais clubes de futebol amador de Curitiba e do Paraná, conquistando por 10 vezes o campeonato de amadores de Curitiba e por 11 vezes a Taça Paraná, campeonato que reúne equipes amadoras de todo o estado do Paraná. Não

há muitos detalhes da história do Trieste, nem mesmo no clube pudemos ter acesso a documentos que relembresse a sua história. Há um projeto de um museu para contar a história do clube, porém segundo o coordenador ainda não está pronto.

2.3 PARCERIA TRIESTE FUTEBOL CLUBE / STIVAL ALIMENTOS

Em agosto de 2005 a Stival Alimentos Indústria e Comércio S/A, de propriedade de uma família italiana do bairro de Santa Felicidade, em busca de um veículo para ampliar a visualização de sua marca, propôs ao Trieste Futebol Clube uma parceria. Este clube foi o escolhido pela Stival Alimentos por também ter raízes italianas e estar sediado no mesmo bairro da empresa, como também pela história, tradição e títulos conquistados pela equipe triestina:

Contatos foram mantidos entre os diretores da organização comercial e do clube. Desde o primeiro momento a receptividade foi muito boa. Entenderam as partes que seria benéfico existir uma união – ambos teriam ganhos extraordinários. Depois de devidamente estudada e debatida, a parceria foi oficializada pelo Conselho Deliberativo do Trieste Futebol Clube e devidamente assinada pelas partes, com o respectivo registro em Cartório. Durante 20 (vinte) anos prometem cumprir com as obrigações traduzidas no competente documento. De agosto de 2005 até agosto de 2025 (MACHADO e CHRESTENZEN, 2006, p. 241).

Dessa forma a parceria foi concretizada e mudanças aconteceram na estrutura do clube. A empresa Stival Alimentos empreendeu uma série de reformas e construção de novas instalações tais como: recuperação e cobertura do Parque Aquático; construção de uma cancha de grama sintética; montagem de uma academia para condicionamento físico; construção de um ginásio poli esportivo com capacidade para 600 pessoas e dotado de um moderno vestiário; no campo de futebol, construção de uma arquibancada elevada com capacidade de 1000 pessoas sentadas, para isso teve de ser demolido a sede social velha e o restaurante Panorâmico; embaixo da arquibancada, a construção de 6 (seis) vestiários com sala de aquecimento; construção de um auditório para eventos com capacidade para 100 pessoas, com restaurante e lanchonetes; construção de cabines de imprensa para as transmissões esportivas; construção de dois camarotes com capacidade para

10 pessoas; salão para jogos diversos (sinuca, pebolim, etc.); restauração da “Casa Antiga”; museu, dotado de moderna estrutura para conservação da história do Trieste Futebol Clube; reforma da sede Social nova; transformação da parte superior da sede Social nova em um alojamento para as categorias de base e inferior em refeitório;

A empresa assumiu o compromisso de que todas as novas construções e reformas, feitas com recursos da Stival Alimentos, serão revertidas graciosamente para o Trieste Futebol Clube no término do contrato (MACHADO e CHRESTENZEN, 2006, p. 242 – 243).

Quanto ao futebol, o contrato diz que as categorias de base (infantil, juvenil e júnior) do Trieste Futebol Clube, no período de vigência do contrato, serão de responsabilidade exclusiva da Stival Alimentos, inclusive a Escolinha de Futebol. Dessa forma, toda a estrutura estará à disposição da empresa para a formação de atletas, sem ingerência do Trieste Futebol Clube. Assim, a Stival Alimentos assume que “uma das metas é a revelação de bons jogadores, que poderão ser negociados com outras equipes. Quando essas transações forem efetuadas, o Trieste Futebol Clube terá participação econômica” (MACHADO e CHRESTENZEN, 2006, p. 244).

O Trieste Futebol Clube, em contrapartida, se responsabiliza pela categoria adulta, de forma exclusiva e tendo como patrocinadora de sua camisa a Stival Alimentos. Assim sendo, a equipe triestina desponta como uma das favoritas na disputa dos torneios e campeonatos dessa categoria (MACHADO e CHRESTENZEN, 2006, p. 244).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O TRABALHO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DO TRIESTE FUTEBOL CLUBE

A partir das informações colhidas através da entrevista com o coordenador geral do Trieste Futebol Clube podemos fazer uma leitura do papel de clubes amadores, ou mais especificamente deste clube, no mercado de futebol profissional. Em virtude de o futebol envolver negociações milionárias, este atraiu, e atrai, um grande número de pessoas interessadas em também ganhar dinheiro.

Visualizando este lucrativo espaço, muitos clubes brasileiros têm se especializado e se estruturado para “garimpar” possíveis jogadores nos campos de futebol. Para isso esses clubes têm investido em centros de treinamento cada vez mais modernos e em núcleos e “olheiros” espalhados em inúmeras cidades. Outra constatação é a entrada de empresas e empresários nesse mercado, através de parcerias e investimentos.

O Trieste sempre foi conhecido pela sua tradição no futebol amador de Curitiba, tem um certo patrimônio, incluindo um estádio onde sedia seus jogos e uma tradicional torcida, principalmente descendentes de italianos e moradores do bairro de Santa Felicidade.

Atraída pelo possível potencial deste clube, a empresa Stival Alimentos fez uma parceria com o Trieste Futebol Clube. Esta empresa, através de um contrato (com vigência) de 20 anos, arrendou o clube a fim de trabalhar com as categorias de base. Objetivando formar atletas, a Stival Alimentos criou uma ramificação da empresa para gerenciar o projeto, que é a Stival Sports. Dessa forma, dentro do clube existe uma certa separação, a Stival Sports cuida das categorias de base enquanto que o Trieste cuida do time adulto de futebol amador, conforme acertado em contrato. Como deixa claro o coordenador geral do projeto:

(...) a Stival Alimentos fez a empresa Stival Sports e construiu um contrato de comodato por vinte anos para administrar o Trieste pelos próximos vinte anos, e nesse contrato foi colocado que nós vamos trabalhar com as categorias de base simplesmente. A equipe adulta

fica a critério da diretoria do clube, e a gente só dá um apoio financeiro mensal, mas nós não temos gerenciamento sobre o adulto. O que nos interessa são as categorias de base simplesmente.

Para isso, o clube foi totalmente reformado e inúmeras melhorias e construções foram realizadas, aproveitando o espaço onde está sediado o estádio para transformá-lo em um complexo esportivo com academia, quadras de futebol em grama sintética e futsal, piscina, academia e alojamentos para as categorias de base. O dinheiro arrecadado em mensalidade das modalidades oferecidas é revertido para o projeto de formação de atletas, como destaca o coordenador:

O projeto maior é o projeto voltado para a formação de atleta no futebol, mas evidentemente como isso é um trabalho a longo prazo, exige um tempo pra você ter resultado financeiro, foi construído uma estrutura física paralela pra dar um suporte pra esse projeto. Então hoje nós temos aí academia de musculação, nós temos academia de natação, temos escolinha de futsal, escolinha de futebol sintético, mas que na verdade serve como um espaço a ser utilizado pela comunidade e em contrapartida como um retorno financeiro também pra apoiar o projeto maior que é a formação de atleta.

O setor de futebol amador do clube continua nos mesmos moldes, com quadro de sócios e diretoria e, ainda de acordo com o coordenador:

O clube possui um quadro associativo anterior, e no momento nós não estamos fazendo novos associados, mas o quadro que existe já, de quem é associado do clube, tem alguns privilégios pra poder utilizar essa estrutura que existe hoje aqui no Trieste.

Como existe uma separação do amador e da base, o Trieste continua sendo administrado por uma diretoria eleita pelos sócios antigos, “os italianos” que descendem dos fundadores do clube. Foram preservadas estas características e o time continua disputando os campeonatos amadores da cidade, Divisão Especial, e do estado, a Taça Paraná. De acordo com o coordenador, a Stival é responsável pela parte estrutural do clube, mas ajuda o time amador com patrocínio.

A Stival mantém times em todas as categorias inferiores até os juniores⁵. Além disso, disponibiliza escolinhas de futebol e futsal, onde também é uma porta de entrada para os garotos que objetivam se tornar jogadores de futebol. Porém, como a maioria de estabelecimentos que prestam este serviço, existe a cobrança de mensalidade, o que de certa forma limita o acesso das crianças. Como o clube fica numa área residencial, existem muitos meninos na região que são atendidos pelas escolinhas de forma gratuita, como destaca o coordenador:

Lembrando que hoje o Trieste já atende cerca de 150 crianças sem custo nenhum, pelo contrario, dando toda a estrutura, nós damos vale transporte, lanche, material de treino, as categorias de base que treinam no Trieste hoje podem ser consideradas como uma das melhores do Paraná, tanto que no mirim, por exemplo, nós fomos campeões metropolitanos, no pré-infantil nós fomos campeões metropolitanos agora em julho, o nosso juniores esta na semi-final do campeonato estadual, onde Paraná, Coritiba e Atlético estão fora. Então hoje o Trieste faz um trabalho de base muito forte e isso não deixa de ser um trabalho social muito forte, por que não tem custo nenhum para os atletas e pelo contrario, a maioria recebe diversos benefícios para estar treinando aqui.

Como, assumidamente, o objetivo do clube (mais precisamente da Stival Sports) é a formação de atletas, o planejamento é todo direcionado nesse sentido. E os frutos desse investimento já começaram a ser colhidos. Os atletas que são formados pelo Trieste têm vinculo com o clube, e caso sejam negociados caberá a este um percentual sobre a venda. De acordo com o coordenador, aproximadamente 14 atletas já foram profissionalizados pelo clube e hoje estão em equipes “vitrines” como Atlético Paranaense, Coritiba, Grêmio, Internacional, entre outros.

É, hoje nos trabalhamos com um projeto de dar a melhor condição possível para esses atletas e na seqüência estar colocando eles em clubes vitrine, em clubes não só a nível nacional mas a nível internacional também. Hoje o Trieste já tem quatorze atletas profissionalizados em clubes no Brasil, temos dois atletas no Atlético Paranaense, três atletas no Coritiba, nós temos três atletas no Internacional de Porto Alegre, um atleta no Grêmio de Porto Alegre, três atletas no Atlético Mineiro, dois atletas no Goiás e um atleta no J. Malluceli, todos profissionalizados, saídos do Trieste.

⁵ a categoria de juniores refere-se aquela onde os atletas têm a idade até 20 anos, também chamada de sub-20.

Embora o Trieste seja um clube amador, ele vem se adequando estruturalmente e administrativamente para participar do mercado futebolístico, mais precisamente à formação de atletas. Tanto que existe um grande aparato de variados departamentos implantados, e a serem implantados posteriormente, para dar um suporte em inúmeros aspectos que, para eles, podem contribuir na formação do atleta:

Nós temos toda uma equipe que trabalha procurando da essa formação mais completa possível. Lógico como é um projeto novo esta aí há dois anos e pouco, estamos terminando as obras agora, então alguns departamentos ainda não estão instalados como a gente acha que deveria ser, mas hoje nós temos todo o nosso quadro formado por profissionais de Educação Física, nós não temos aqui leigos, que não são da área da Educação Física, com todo o respeito ao ex-jogador, mas nos temos aqui todo mundo com formação superior. As exceções são acadêmicos que estão na fase de conclusão do curso contratados como estagiários, mas todos se não tem a conclusão pelo menos estão terminando o curso de Educação Física. E nós temos já algumas áreas envolvidas, nos temos a área de Pedagogia que cuida da parte educacional dos meninos, temos o fisioterapeuta que trabalha no clube dando atendimento no próprio clube diariamente utilizamos algumas clinicas em convenio com a Universidade Positivo na qual eu trabalho pra fazer um trabalho de Psicologia de Nutrição também com essas crianças. Então a gente tem procurado dentro do possível envolver outras áreas que a gente considera importante na formação de um atleta. Mas como o projeto é muito novo algumas dessas áreas ainda estão sendo implantadas conforme a gente acha ideal. Algumas já acontecem como a Pedagogia, Fisioterapia, e estaremos implantando agora algumas áreas que ate o momento eram terceirizadas como Odontologia, como Medicina esportiva, como Nutrição que hoje nós estamos usando convênios em clinicas em universidades para poder atender esses atletas.

O processo de seleção dos garotos que farão parte das equipes de base que representarão o Trieste Futebol Clube é feito de duas maneiras. Um dos processos é o mais simplificado, os chamados “peneirões”, onde o candidato é testado em uma situação de jogo que dura alguns minutos. O outro processo é um pouco mais complexo e é feito duas vezes ao ano, envolvendo uma série de testes com vários professores:

A gente procura fazer da seguinte forma: em julho e em dezembro a gente faz um processo seletivo onde nós fazemos uma bateria de testes motor, onde a criança passa por um circuito no campo, por sete professores. Depois é avaliado quem se destaca nesse circuito motor para aí sim ele vir para um teste de duas semanas onde eles serão feitos diversos jogos coletivos, ele será testado em diversas posições, para depois se definir quem tem condições de permanecer

no grupo que normalmente já existe, que esta subindo de ano. Agora durante o ano, tirando julho e dezembro, existe durante os meses aqueles momentos onde tem de se realizar alguns jogos de crianças que nos procuram para poder observar elas em situação de jogo.

Feita a seleção, os meninos começam a jogar os campeonatos pelo Trieste na respectiva categoria de acordo com sua idade. Existe uma idade limite onde o garoto tem de se destacar para poder assinar um contrato, que é até os 20 anos, sendo que a partir dos 16 o atleta já pode assinar um contrato profissional. De acordo com o coordenar, o jogador que atinge a idade dos 20 anos e não consegue se profissionalizar, geralmente é levado ao time amador ou é dispensado para tentar buscar outro clube.

A categoria amadora serve apenas como uma pratica, ou ainda como uma ultima vitrine para aqueles que ainda sonham em serem vistos por algum clube e consigam se profissionalizar. Mesmo alguns clubes amadores oferecendo certa gratificação para os jogadores, o amador não oferece a possibilidade de altos ganhos como no futebol profissional, inviabilizando assim que o jogador se dedique de forma exclusiva à essa modalidade:

(...) a maioria dos clubes que tem uma condição mínima de estrutura aí, que são tradicionais no futebol amador de Curitiba, Combate Barrerinha, Vila Hauer, Urano, Capão Raso, Trieste, eles já tem uma cultura de pagar bonificações para esses atletas, por partida, por jogo, aquela contribuição para que essas pessoas possam estar ali jogando no final de semana. Então eu acho que o mais natural é que eles aliem isso aí como uma pratica de lazer e algo a mais. Mas sempre tendo paralelo a isso a sua vida profissional, a sua vida pessoal. Eu acho muito difícil hoje o atleta viver simplesmente do futebol amador. Por que 90% dos atletas que eu conheço, que jogam inclusive pelo Trieste tem uma outra situação profissional, e usam o futebol por que gostam e não tiveram oportunidade de ser um atleta profissional e alguns ainda até tem esperança de serem vistos por alguns clubes por que são novos ainda, mas evidentemente o que é feito é apenas uma pequena gratificação que dificulta demais a manutenção de uma pessoa com uma qualidade de vida mínima.

Dessa forma, mesmo no Trieste, que possui uma estrutura e uma administração tão grande quanto a de muitos clubes profissionais, não é possível a um jogador sobreviver apenas com as “bonificações” recebidas por jogo. Sem dizer que o futebol amador não tem o mesmo envolvimento financeiro, não leva tantos torcedores ao estádio e nem tão pouco apresenta campeonatos tão lucrativos como o profissional, inviabilizando uma maior premiação ou pagamento de salário.

O futebol amador não tem um grande apelo de publicidade, o que faz com que não seja comum o patrocínio ou a parceria de grandes empresas. Assim, cabe a Stival Alimentos, exclusivamente, arcar com todas as despesas do clube, desde material esportivo até transporte, hospedagem e alimentação. Segundo o coordenador, é possível que com o passar do tempo e com o crescimento e fama do projeto outras empresas se aproximem e busquem uma parceria comercial, publicitária com o Trieste, mas por enquanto a única fonte de renda é o dinheiro da empresa:

A Stival é a única patrocinadora de todo o projeto aqui. Essas placas que existem no campo são de produtos da Stival Alimentos. Então hoje a Stival é a única patrocinadora de todo o projeto, não existem parceiros. O Trieste, nós estamos trabalhando no projeto de incentivo pela Lei Fiscal, estamos trabalhando num projeto para buscar parceiros e patrocinadores, mas ainda não temos nada de concreto. E hoje a Stival Alimentos é a única e exclusiva patrocinadoras de todas as atividades.

Uma grande preocupação dos clubes, principalmente os que se dedicam à formação de atletas, é em relação ao aliciamento por parte de outros clubes e de empresários, além da forma como a lei em vigor trata do assunto:

A lei hoje no Brasil ela é muito falha com relação ao clube formador, ela não dá uma segurança. Então você tem algumas situações da Lei Pelé, da Lei Zico, da própria FIFA que fornece ao clube os 5% do direito de formação e o direito de solidariedade pela formação do atleta, mas isso é muito pouco pra quem investe 4, 5 anos num atleta (...). Mas a gente tem consciência de que a lei hoje deve ser repensada por que se não fica, até por que no futebol existe muito pouca ética nas relações em função desse mercado maluco que é o futebol, desse envolvimento financeiro que existe. Então muitas pessoas sem a ética necessária, sem caráter acabam entrando nesse mercado e trazendo realmente uma competição bastante complicada. Hoje o Trieste tem, por exemplo, contrato de representação com todos os seus atletas, nós temos procuração com as famílias, nós temos todos os atletas registrados na federação. Mas, por exemplo, pela lei se um atleta ficar aqui por 1 ano, 11 meses e 29 dias e sair o Trieste não tem direito a nada. Se ele completar dois anos o Trieste passa a ter direito a 5% de formação se um dia ele sair e se tornar um atleta num outro clube.

Por causa deste risco que os clubes formadores correm, muitos deixaram de investir nas categorias de base, preferindo investir em jogadores “semi-prontos”. Mas o Trieste assumiu os possíveis riscos e apostou nesta arriscada empreitada, ou seja, o clube assumiu esse papel de formação de

atletas, e hoje fornece tanto os jogadores “semi-prontos” que os grandes clubes procuram, como os jogadores profissionais que o mercado precisa:

(...) foi justamente pensando nesse buraco do mercado, que o Trieste, quando eu fui convidado pela família Stival para vim coordenar o projeto, a gente pensou em atacar. Por que as escolinhas que existem de futebol hoje fazem um trabalho muito bom, mas evidentemente que eles têm de trabalhar com todo o nível de criança, tem que dar um atendimento onde realmente a idéia é você integrar e não há condição de você dar um trabalho de rendimento de evolução de performance para essas crianças. E o clube também não queria investir por que não tinha segurança, o clube profissional. Então o Trieste veio com a idéia de ser a ponte entre a escolinha e o clube, pegando o garoto que vai bem nas escolinhas, fazendo um trabalho de lapidação, e desse trabalho de lapidação caminhando para uma vitrine maior. E a gente tem conseguido fazer isso a ponto de começarmos o ano passado a direcionarmos os primeiro meninos, e já temos hoje aí 14 garotos profissionalizados e diversos aí para serem encaminhados nos próximos meses.

Em aproximadamente 2 anos o projeto do Trieste com a Stival Alimentos pode ser considerado de sucesso, o que remete à imaginarmos que o clube pode até ambicionar degraus mais altos como a profissionalização total da equipe, participando de campeonatos profissionais. O que não é totalmente descartado pelo seu coordenador:

(...) Se a gente quisesse jogar uma terceira divisão ano que vem pra subir para a segunda, e para a primeira. Inclusive já fomos convidados a sermos parceiros na própria primeira divisão de um outro clube. Mas hoje nós estamos estudando com carinho, fazendo as coisas com bastante calma. E eu acho que se um dia o Trieste vier a entrar numa situação dessa vai ser com as próprias pernas para continuar fazendo um trabalho da mesma forma que foi feito até agora, com muito profissionalismo, de uma forma muito organizada, para que a gente possa quem sabe contribuir para que essa imagem tão negativa que o futebol tem, de amadorismo completo, de falta de gestão administrativa, a gente quer tentar de alguma forma mudar isso.

O que fica claro através do discurso do coordenador é que dentro do Trieste Futebol Clube existem dois setores distintos: as categorias de base, gerenciada pela Stival Sports e tendo como objetivo a formação de atletas; e o time amador, gerenciado pela “velha-guarda” do Trieste, vamos dizer assim, e que tem como objetivo as disputas dos campeonatos de amadores de Curitiba.

Sendo assim, não é possível dizer que o futebol amador vem realmente sofrendo a influencia da tendência atual do futebol profissional, pois

no caso do Trieste a empresa Stival Alimentos é quem faz todo o trabalho de formação de atletas e posteriores negociações, cabendo ao Trieste, a rigor, as bem feitorias e estrutura montadas pela empresa que poderão ser aproveitadas na sua totalidade somente após o período do contrato de 20 anos. Em relação ao patrocínio que a empresa dá ao clube para ajudar o time amador, podemos ver uma relação parecida com a que vemos no futebol profissional, pois a partir desse apoio financeiro o clube consegue recursos para investir em atletas (fazendo “bonificações” mais generosas) e até mesmo outros profissionais como treinadores e preparadores físicos, tornando assim o time mais forte e competitivo para as disputas dos campeonatos. Porém percebemos que esse patrocínio só existe como uma forma de “ajuda” por parte da empresa, não sendo a exposição da marca da Stival Alimentos através de placas e camisas como um investimento que traga grande retorno financeiro como seria se fosse num clube profissional, pela visibilidade muito pequena do futebol amador.

3.2 FUTEBOL AMADOR ESTRUTURA PROFISSIONAL

A entrevista com o presidente do Trieste Futebol Clube foi interessante à medida que questões internas relativas especificamente ao futebol amador puderam ser respondidas, tendo em vista que o coordenador não tinha conhecimento sobre essas.

Quanto à estrutura do clube, foi confirmado que o campo e a área em que esta sediada o Trieste é de propriedade do clube, sendo que as bem feitorias feitas pela empresa também fazem parte desse patrimônio, estando à disposição do time amador para treinamentos e jogos.

Uma questão importante era a relativa ao quadro associativo do clube, que de acordo com o presidente se configura da seguinte forma:

Bem, o Trieste é clube que foi fundada em 1937 por imigrantes de italianos. Há muitos sócios dessa época, de vez em quando a gente fica sabendo que um ou outro faleceu. Mas hoje nós temos de 100 a 120 sócios que pagam anuidade ao clube. Temos também em torno de 200 sócios beneméritos e remidos. O Conselho Deliberativo é composto por 60 membros. Mas no momento não estamos “angariando” mais sócios. Estamos num processo de solidificação desse projeto e por enquanto não temos interesse em fazer novos associados.

Percebe-se que o quadro associativo do Trieste não tende a sofrer mudanças, pois no momento o clube não está aberto à entrada de novos sócios, possivelmente neste período em que vigora o contrato de vinte anos com a Stival, onde a empresa é a responsável por gerenciar toda a estrutura. Assim a empresa tem a possibilidade de arrecadar dinheiro através das mensalidades das escolinhas e inúmeras modalidades esportivas oferecidas à comunidade, e não somente aos sócios.

No entanto o quadro de sócios que existe é muito participativo e atuante, estando estruturado de forma a trabalhar pelo clube democraticamente através de assembleias e eleições diretas de dois em dois anos:

Fazemos eleições de 2 em 2 anos. São formadas as chapas que pleiteiam os cargos, e é feita a votação. (...) o presidente ou a chapa pode ser reeleito quantas vezes quiser e conseguir. É ilimitado. O clube é constituído por Conselhos. Existe o Conselho Diretor, que é por mim presidido. O Conselho Deliberativo que funciona como uma espécie de Congresso Nacional, que convoca reuniões quando necessário para decidir sobre questões onde se é necessário uma aprovação da maioria. Além disso tem o Conselho Fiscal, Conselho de Patrimônio e o Conselho de Obras (Presidente, 2008.)

Esses sócios e conselheiros demonstram também terem uma visão empreendedora, e de acordo com o presidente não fizeram oposição quando da parceria com a Stival Alimentos:

Foi uma questão decidida de forma unânime. Até por que dentro do clube já se discutia um projeto de parceria, já estava nos planos abrimos o clube para idealizarmos um projeto como o que existe hoje. O Trieste é um clube que de certa forma pertence à comunidade, e os seus sócios e conselheiros têm filhos, netos e familiares que desfrutam da estrutura que temos aqui. Entre os sócios e conselheiros existem pessoas que são grandes empresários, de grandes empresas até multinacionais, então eles tem uma visão empresarial e sabem o que é bom para o clube. Sem dizer que a própria empresa Stival fez uma pesquisa, e chegou ao Trieste sabendo que aqui eles lidariam com pessoas serias e competentes para firmar um contrato como esse. (Presidente, 2008.)

Quanto às fontes de renda do clube, foi confirmado pelo presidente que a Stival Alimentos é a única patrocinadora do clube, todos os gastos que o time tem com alimentação, transporte, uniforme e hospedagem é arcado pela empresa, que repassa parte da arrecadação com locações, mensalidades e

negociações para o amador, que de forma integral investe no time nos respectivos gastos que o clube tem nas disputadas de campeonatos amadores.

O presidente fez questão de deixar claro que tratando-se de um clube amador, o Trieste não paga salários para os jogadores, e que não existe contrato com esses. Embora exista um vínculo federativo, mas que não gera nenhuma compensação financeira se o jogador quiser se transferir para outra equipe:

Veja bem, não existe contrato ou vínculo com os atletas amadores. Embora eles sejam federados e registrados como atletas do Trieste na federação, eles podem sair quando quiserem. É claro que se eles quiserem trocar o Trieste por outro clube e tiverem inscrito como jogador nosso, tem que ter o nosso consentimento. Porém, nós temos um pensamento em não segurarmos o atleta se ele tiver algo que seja melhor para ele, não fazemos isso. Mas geralmente é o contrário, os jogadores de outros clubes querem vir para o Trieste, por que nós trabalhamos com muita seriedade e respeitamos as pessoas. A menos que ele tenha um contrato com a Stival, de outra forma não por que não há um contrato. Às vezes o jogador tem o seu representante e esse tem um compromisso conosco, mas como eu disse isso é com a Stival. (Presidente, 2008)

Quando perguntado se existe algum projeto para que o Trieste venha a se profissionalizar, o presidente assim respondeu:

Existe essa possibilidade, é algo muito discutido dentro do clube. O Trieste de certa forma é um clube profissional, nós temos uma estrutura que poucos clubes do interior têm. Mas um projeto como esse é algo muito serio, existe um investimento grande, e ninguém entra num negocio pra perder dinheiro. Se um dia viermos a nos profissionalizar, queremos ter uma base bem solidificada, por que sabemos que tem muita coisa que envolve um clube profissional. Não queremos começar um trabalho que dure 1 ou 2 anos e não tenhamos possibilidade de continuar. Então, nós estamos trabalhando de forma a fortalecer o clube cada vez mais e quando acharmos que teremos condições de fazermos isso daí o conselho se reunirá e decidirá. (Presidente, 2008)

É unanimidade dentro do clube, observando o discurso dos dois entrevistados, que a parceria tem sido de muito sucesso. Isso é constatado através da estrutura física moderna, na notória satisfação e orgulho deles ao falarem do projeto, nos resultados dentro de campo (principalmente das categorias de base que tem chegado às finais dos campeonatos que disputa) e também nos frutos do trabalho de formação de onde já saíram inúmeros atletas que estão jogando em importantes equipes do futebol brasileiro.

Embora tenhamos observado que dentro do clube o futebol das categorias de base e o amador sejam gerenciados separadamente, através da entrevista com o presidente verificamos que de certa forma existe uma relação, pois de acordo com ele existe uma participação do clube nas arrecadações e desta forma o clube tem uma fonte de renda bem maior que outros clubes amadores que não tem hoje uma parceria como a do Trieste/Stival Alimentos.

E finalmente, em relação à profissionalização do clube, percebe-se nas duas entrevistas que o clube tem potencial para disputar campeonatos com clubes desta categoria, mas não é o objetivo principal da parceria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos fazer uma análise da atual estrutura do futebol amador da cidade de Curitiba, utilizando-se para isso de um estudo de caso do Trieste Futebol Clube. No processo de obtenção dos dados, na visita ao clube e nas entrevistas, pudemos perceber que o Trieste Futebol Clube hoje de fato tem um patrimônio físico de certa forma “majestoso” para um clube amador, diante de tantos outros clubes que rivalizam com ele nos mesmos campeonatos amadores. Estrutura esta estabelecida através da parceria com a empresa Stival Alimentos, que com um projeto voltado fundamentalmente para a formação de atletas investiu uma grande quantia num espaço onde antes só se enxergava mais um estádio de um clube amador como tantos outros que temos em Curitiba.

A empresa com um olhar empreendedor e sabedora das milionárias negociações que o futebol proporciona, enxergou mais que um espaço de convívio social, de lazer e prática esportiva, viu a oportunidade de ganhar dinheiro através do mercado futebolístico com a formação de atletas. E como pudemos verificar através das palavras dos entrevistados, esse projeto vem dando resultado. O Trieste que sempre foi um clube dos mais tradicionais e vencedores no futebol amador de Curitiba, hoje é também o mais rico, e certamente exemplo a ser seguido. A empresa Stival Alimentos, através da Stival Sports hoje começa a ser respeitada no mercado do futebol como uma “fabrica de jogadores”, tendo inúmeros atletas jogando em variados e importantes clubes do futebol brasileiro.

Verificamos então que em muitos aspectos o Trieste trabalha de forma semelhante aos clubes profissionais. Tem uma categoria de base forte, que revela jogadores que posteriormente são negociados ou servem os times adultos em campeonatos por eles disputados. Investiu na construção de espaços de prática esportiva para a comunidade, possibilitando assim uma fonte de renda permanente através das mensalidades e das locações. Percebemos que o clube hoje não funciona somente nos dias de jogos ou treinamentos, e sim há um grande movimento de alunos e pessoas que alugam as quadras para a prática do futebol, tornando o espaço antes ocioso em um espaço de rentabilidade financeira. Característica hoje muito comum nos

modernos estádios, chamados de arenas, que mais parecem centros comerciais, onde os clubes agora alugam espaços para empresas dos mais variados ramos, para ter mais uma fonte de renda.

Além desses aspectos, pudemos perceber que há também a notória profissionalização administrativa, através da Stival Sports, que com profissionais capacitados gerenciam todo esse setor que geram recursos (como a formação de atletas, as escolinhas e academias, as locações) ficando para a diretoria amadora tão somente a administração do time amador. Esta característica não tão comum no futebol profissional brasileiro, mas certamente é o caminho para os clubes que desejam se manter fortes no mercado, se protegendo de diretores corruptos e despreparados que se aventuram no futebol profissional.

Dessa forma, como se tratou de um estudo de caso chegamos à conclusão que no Trieste Futebol Clube existe todas essas características já mencionadas que também são verificadas no futebol profissional, e que nos levam a acreditar que os clubes amadores podem e tem condições de fazer parte desse mercado, dessa dinâmica mercantilista, atuando na formação de atletas, de forma muito mais profissional e serie que muitos clubes tradicionais e grandes do futebol brasileiro. Sem a pressão da torcida, tanto os profissionais que fazem o trabalho de formação quanto os próprios futuros jogadores de clube amador, o fazem sem a responsabilidade do resultado, sem medo de errar e serem dispensados na primeira derrota.

Esse estudo não é suficiente para afirmar de forma generalizada que o futebol amador tem sido influenciado pela dinâmica atual, mercantilista do futebol profissional, mas podemos observar uma tentativa de que isso passe a ser feito à medida que no caso do Trieste Futebol Clube essa experiência continue dando resultado como vem dando e o planejamento seja feito de forma a trazer beneficio para ambas as partes, não somente atendendo aos interesses comerciais de um grupo de investidores em detrimento da tradição de um clube que de certa forma pertence à comunidade.

REFERÊNCIAS

SILVA, Cláudio V. Di Gioia Ferreira; CAMPOS FILHO, Luis Alberto N. **Gestão de Clubes de Futebol Brasileiros: Fontes Alternativas de Renda.** Revista Eletrônica Sistemas & Gestão, v. 1, n. 3, p. 195-209, setembro a dezembro de 2006.

ALVITO, Marcos. **A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização.** Análise Social. Vol. XLI (179), 2006, 451-474.

PRONI, Marcelo W. **Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa.** Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 5ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas S. A., 1996.

MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Trieste Futebol Clube – O Campeoníssimo Suburbano.** Curitiba: H I Machado, 2006.

REFERENCIAS ELETRÔNICAS:

CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Evolução do futebol suburbano.** Coluna Suburbana, Caderno Esporte De Letra do Jornal Tribuna do Paraná , edição de 30/01/2003, p. 28.

MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. **Como nasceu o futebol em Curitiba.** Disponível em <http://www.historiadofutebol.com.br/index.php/home/brasil/parana/1-historiaparana/1-como-nasceu-o-futebol-em-curitiba>. Acesso em 8/10/2008.

PUGLIESI, André. **Da Suburbana para o mundo.** Jornal Gazeta do Povo. Edição de 22/06/2007 disponível em

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/esportes/conteudo.phtml?tl=1&id=671793&tit=Da-Suburbana-para-o-mundo>. Acesso em 20/11/2008

Site da Federação Paranaense de Futebol. Disponível em <http://www.federacaopr.com.br>. acesso em 12/11/2008

Site Futebol Amador do Paraná. Disponível em <http://www.futebolamadorpr.com.br>. Acesso em 12/11/2008.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

ENTREVISTADO: _____

CARGO / FUNÇÃO: _____

- 1- O Clube possui sede própria?
- 2- Além do futebol, existe alguma outra prática esportiva no clube? Qual (is)?
- 3- Possui quadro associativo? Se sim, quantos sócios?
- 4- Existem eleições no clube? Se sim, qual o período de mandato?
- 5- Possui escolinhas? Existe cobrança de mensalidade?
- 6- Participa de campeonatos em quais categorias além da Divisão Especial?
- 7- Se existem categorias de base?
- 8- Como são formadas e quais os principais objetivos das categorias de base?
- 9- Além do departamento de futebol, quais outros departamentos profissionais atuam no clube? (jurídico, médico, fisioterapeuta, nutricionista, financeiro, etc.).
- 10- Todos os profissionais que atuam no clube são remunerados? (incluindo presidente e diretores)
- 11- Quais as fontes de receita do clube? (patrocínio, parcerias, mensalidades, aluguel, etc.)
- 12- Os jogadores assinam contrato com o clube?
- 13- O clube já negociou algum jogador? Se a resposta for sim: com quem? Como? Etc. Se a resposta for não: por quê? Nunca surgiu nenhum empresário interessado, etc.

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Prezado Senhor (a).

O (a) Senhor (a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A influência da dinâmica do futebol profissional na atual estrutura dos clubes de futebol amador da Cidade de Curitiba: um estudo de caso do Trieste Futebol Clube”, que está sendo desenvolvida pelo acadêmico Leandro Lima da Silva, sob a orientação do Professor Doutor Fernando Marinho Mezzadri, como trabalho de conclusão do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Este trabalho tem como objetivo analisar como está organizado o futebol amador na cidade de Curitiba, principalmente ao que diz respeito ao Trieste Futebol Clube.

Caso o (a) senhor (a) participe desta pesquisa será necessário conceder uma entrevista com aproximadamente uma hora de duração que será gravada. Essa entrevista será composta por questões sobre a atual estrutura do Trieste Futebol Clube como também as principais mudanças pós parceria com a Stival Alimentos.

O (a) senhor (a) tem a liberdade de se recusar a participar deste estudo, ou caso deseje participar, lhe está assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento ou não responder a alguma das questões que lhe forem feitas, não implicando em qualquer consequência. É importante observar que sua participação neste estudo é voluntária e não irá refletir em benefício pessoal direto. A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato se assim o desejar.

Estão garantidas todas as informações e esclarecimentos que o (a) senhor (a) queira, antes durante e depois do estudo. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida com o pesquisador pelo telefone (41) 9665-7572 ou pelo e-mail leandrowinner@ibest.com.br.

Eu _____ declaro que li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Deste modo, concordo em participar voluntariamente desta pesquisa e autorizo a gravação das entrevistas concedidas por mim, bem como a utilização dessas declarações para fins acadêmicos.

Local e Data

Assinatura do acadêmico pesquisador

Assinatura do entrevistado

ANEXO 3

ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA COM O COORDENADOR

1- O clube possui sede própria?

R.: É o clube possui, na verdade, essa sede própria, e tem alguns campos que são locados, onde são realizados alguns treinamentos. Temos três campos, fora o campo aqui do estádio, nós temos mais três campos locados em Campo Magro, que são utilizados para treinamento das categorias de base.

2- Esses campos são locados pela Stival Alimentos?

R.: Locados pela Stival Sports, que é uma empresa que foi formada pela Stival Alimentos, é um “braço” da empresa.

3- O time amador treina somente no estádio?

R.: É, veja bem, a Stival Alimentos fez a empresa Stival Sports e construiu um contrato de comodato por vinte anos para administrar o Trieste pelos próximos vinte anos, e nesse contrato foi colocado que nós vamos trabalhar com as categorias de base simplesmente. A equipe adulta fica a critério da diretoria do clube, e a gente só dá um apoio financeiro mensal, mas nós não temos gerenciamento sobre o adulto. O que nos interessa são as categorias de base simplesmente.

4- Quanto a outras modalidades que existem no clube, qual a finalidade?

R.: O projeto maior é o projeto voltado para a formação de atleta no futebol, mas evidentemente como isso é um trabalho a longo prazo, exige um tempo pra você ter resultado financeiro, foi construído uma estrutura física paralela pra dar um suporte pra esse projeto. Então hoje nós temos aí academia de musculação, nós temos academia de natação, temos escolinha de futsal, escolinha de futebol sintético, mas que na verdade serve como um espaço a ser utilizado pela comunidade e em contrapartida como um retorno financeiro também pra apoiar o projeto maior que é a formação de atleta.

5- Existe um quadro associativo no clube?

R.: O clube possui um quadro associativo anterior, e no momento nós não estamos fazendo novos associados, mas o quadro que existe já, de quem é associado do clube, tem alguns privilégios pra poder utilizar essa estrutura que existe hoje aqui no Trieste.

6- Qual o número de sócios?

R.: Veja bem, como a gente gerencia apenas as categorias de base do futebol, nós não temos acesso a esses números. Teria de falar com a diretoria do

clube, que é hoje o Jesiel que é o presidente, é ele que controla essa parte de associados, que vem já de um certo tempo pertencentes ao quadro do clube.

7- Por haver uma separação entre Stival Sports e Trieste, existe processo eleitoral dentro do clube, troca de comando diretivo?

R.: Existem as eleições, existem as mudanças normais do clube amador de Curitiba. A Stival Sports ela tem um contrato para administrar as questões físicas e as categorias de base do clube. Mas as eleições do clube amador existem normalmente como todos os clubes de Curitiba.

8- Existe algum projeto pra atender crianças carentes nas escolinhas?

R.: Nós temos o propósito, temos agora a Fundação Trieste que estamos montando, que a idéia é dar 20% das vagas de todas as escolinhas pra crianças que não tem condições financeiras pra pagar uma mensalidade. Lembrando que hoje o Trieste já atende cerca de 150 crianças sem custo nenhum, pelo contrario, dando toda a estrutura, nós damos vale transporte, lanche, material de treino, as categorias de base que treinam no Trieste hoje podem ser consideradas como uma das melhores do Paraná, tanto que no mirim, por exemplo, nós fomos campeões metropolitanos, no pré-infantil nós fomos campeões metropolitanos agora em julho, o nosso juniores esta na semi-final do campeonato estadual, onde Paraná, Curitiba e Atlético estão fora. Então hoje o Trieste faz um trabalho de base muito forte e isso não deixa de ser um trabalho social muito forte, por que não tem custo nenhum para os atletas e pelo contrario, a maioria recebe diversos benefícios para estar treinando aqui.

9- O objetivo das categorias de base do Trieste é a formação de atletas?

R.: É, hoje nos trabalhamos com um projeto de dar a melhor condição possível para esses atletas e na seqüência estar colocando eles em clubes vitrine, em clubes não só a nível nacional mas a nível internacional também. Hoje o Trieste já tem 14 atletas profissionalizados em clubes no Brasil, temos 2 atletas no Atlético Paranaense, 3 no atletas no Curitiba, nós temos 3 atletas no Internacional de Porto Alegre, 1 atleta no Grêmio de Porto Alegre, 3 atletas no Atlético Mineiro, 2 atletas no Goiás e 1 atleta no J. Malluceli, todos profissionalizados, saídos do Trieste.

10-Existe algum vinculo ainda com esses atletas?

R.: Sim, nós somos os representantes, somos os agentes que representam a carreira desses meninos. Temos um percentual dos direitos econômicos caso eles sejam negociados por esses clubes vitrine que estão hoje colocados.

11-Além do departamento de futebol quais outros departamentos atuam no clube?

R.: Nós temos toda uma equipe que trabalha procurando da essa formação mais completa possível. Lógico como é um projeto novo esta aí a dois anos e pouco, estamos terminando as obras agora, então alguns departamentos ainda não estão instalados como a gente acha que deveria ser, mas hoje nós temos todo o nosso quadro formado por profissionais de Educação Física, nós não temos aqui leigos, que não são da área da Educação Física, com todo o respeito ao ex-jogador, mas nos temos aqui todo mundo com formação superior. As exceções são acadêmicos que estão na fase de conclusão do curso contratados como estagiários, mas todos se não tem a conclusão pelo menos estão terminando o curso de Educação Física. E nós temos já algumas áreas envolvidas, nos temos a área de Pedagogia que cuida da parte educacional dos meninos, temos o fisioterapeuta que trabalha no clube dando atendimento no próprio clube diariamente utilizamos algumas clinicas em convenio com a Universidade Positivo na qual eu trabalho pra fazer um trabalho de Psicologia de Nutrição também com essas crianças. Então a gente tem procurado dentro do possível envolver outras áreas que a gente considera importante na formação de um atleta. Mas como o projeto é muito novo algumas dessas áreas ainda estão sendo implantadas conforme a gente acha ideal. Algumas já acontecem como a Pedagogia, Fisioterapia, e estaremos implantando agora algumas áreas que ate o momento eram terceirizadas como Odontologia, como Medicina esportiva, como Nutrição que hoje nós estamos usando convênios em clinicas em universidades para poder atender esses atletas.

12-Presidente e diretoria do Trieste são remunerados?

R.: O clube amador tem a sua diretoria, que não há remuneração, trabalham realmente por dedicação ao clube, por que fazem parte da historia do clube, que são os italianos que residem aqui no bairro de Santa Felicidade. Evidentemente que a parte de futebol, esse projeto de formação de atletas já não, já tem uma visão comercial onde a partir da sua coordenação já tem as suas remunerações, todo mundo é contratado, é registrado em carteira, a Stival em parceria com o Trieste procurou fazer tudo da melhor forma possível, tudo da forma correta. Então nos não temos funcionários de forma irregular.

13-Não existem ex-jogadores que trabalham no clube?

R.: Nós temos ex-jogadores, mas que também estão cursando ou que cursaram Educação Física, por que a gente acha importante a questão da experiência pratica, mas no processo de formação mais importante do que a pratica é você ter um base teórica para trabalhar com esse processo de formação para não queimar etapas no desenvolvimento motor dos atletas.

14-Como é feito a “seleção”, o reconhecimento do menino com potencial para o futebol?

R.: Hoje a gente funciona assim, evidentemente que a captação para nós é fundamental. Estamos concorrendo com três clubes profissionais (Coritiba, Paraná e Atlético), e se nós não tivermos um trabalho de formação diferente, de captação diferente nós vamos ficar atrás desses clubes pela camisa que

eles tem, o Trieste não a camisa de um clube profissional, mas começa a conquistar seu espaço pelo trabalho que vem desenvolvendo na base, pelos resultados que vem conseguindo em campo, isso fruto do trabalho. Então eu acho assim que o Trieste hoje tem uma captação de mais ou menos, nós temos de 100 a 150 garotos que nos procuram mensalmente tentando fazer teste pra poder acessar ao Trieste, isso dá em volta de 1000 a 1500 atletas por ano nos procurando. Nós temos alguns profissionais contratados que são observadores, que vão, que acompanham competições a nível de escolares, de futsal, vão visitar projetos no interior do estado. Inclusive temos projetos no interior do Paraná e de São Paulo que formam atletas para nós, temos o apoio do Toledo, temos o Projeto Nova Geração de Icajati, no interior de São Paulo, que são parceiros na formação de atletas e encaminhamento para o Trieste. Então isso tem favorecido bastante, nos termos uma captação e ter as nossas equipes de base bastante fortalecidas.

15-Então esse projeto de captação de atletas não envolve somente o Trieste?

R.: É, por que veja bem, o Brasil é muito fértil em termos de talentos. Então você evidentemente quando faz um investimento muito alto como foi feito pela Stival aqui no clube você procura ter a melhor condição possível de potencial, de crianças com potencial para um desenvolvimento melhor. Então a gente tem procurado captar no interior do Brasil todo, do Paraná, de São Paulo de Santa Catarina. Hoje nós temos, pra você ter uma idéia 32 atletas que residem no clube, oriundos de todas as partes do Brasil, desde o Mato Grosso, Maranhão, Paraná, Santa Catarina. São garotos que moram nos alojamentos do nosso clube, com toda a infra-estrutura necessária, em função dessa importância de trazermos garotos que tenham realmente uma qualidade, por que hoje a competitividade é muito grande nesse processo de formação e você tem de apresentar garotos que tenham realmente um potencial diferente por isso o processo de captação se torna essencial.

16-Até que idade esse atleta é “mantido” pelo clube?

R.: A gente tem procurado trabalhar até o sub-20, que é o juniores, mas a idéia é que no juvenil seja o melhor momento de encaminhamento do atleta onde ele pode fazer o seu primeiro contrato profissional. Então o nosso projeto inicial é trazer o garoto, dentro do possível, o mais cedo possível pro clube, respeitando evidentemente a sua idade motora, seu desenvolvimento motor e desenvolver um trabalho que possa dar para ele a condição de ao chegar aos 16 anos, quando ele completar a idade de juvenil de ter a possibilidade de um contrato profissional, a gente poder estar pensando já num direcionamento para os clubes. Mas hoje o Trieste atende desde o sub-11 que é o mirim, até o sub-20 que é o júnior com a melhor estrutura possível dentro da nossa realidade.

17-Qual a idade limite para o garoto ter acesso ao clube através das escolinhas?

R.: As escolinhas são abertas a partir dos 5 anos, as escolinhas de futsal e futebol sintético e aí nós damos para que ele possa participar até a idade que

haja procura, 16 a 17 anos porque a partir dos 18 o pessoal já não mais procura.

18-Então mesmo que não seja aprovado nos testes o menino com mais de 16 anos pode participar das escolinhas?

R.: Das escolinhas sim. As escolinhas estão abertas, hoje nos devemos implantar a questão daqueles 20% para crianças carentes. Mas a escola é aberta independente de nível. Agora as equipes de competição, as categorias de base é normal que se faça um processo seletivo, inevitável. Hoje o Trieste procura não fazer aqueles famosos peneirões. A gente procura fazer da seguinte forma: em julho e em dezembro a gente faz um processo seletivo onde nós fazemos uma bateria de testes motor, onde a criança passa por um circuito no campo, por sete professores. Depois é avaliado quem se destaca nesse circuito motor para aí sim ele vir para um teste de duas semanas onde eles serão feitos diversos jogos coletivos, ele será testado em diversas posições, para depois se definir quem tem condições de permanecer no grupo que normalmente já existe, que esta subindo de ano. Agora durante o ano, tirando julho e dezembro, existem durante os meses aqueles momentos onde tem de se realizar alguns jogos de crianças que nos procuram para poder observar elas em situação de jogo. Como eu falei, se você tem 100 150 crianças se for fazer o processo seletivo ideal com todos teria de ter uma estrutura muito maior do tenho hoje. Então infelizmente mesmo sabendo que este não é o processo adequado a gente procura fazer em julho e dezembro o processo adequado de circuito de bateria de teste motores e tal, e durante o ano mensalmente nos temos alguns dias que são selecionados onde a gente convida essas crianças que fizeram a inscrição pelo site do clube pra poder participar de alguns treinos e a partir daí tentar observar o talento de alguma dessas crianças para poder segurar ela para um período maior de avaliação, para se fazer uma avaliação mais criteriosa. A gente sabe que não é o processo ideal, mas em função da estrutura do futebol, da procura que é muito grande, dessa popularidade que tem essa modalidade se torna sim para nós hoje inviável fazer o processo de avaliação que a gente faz em julho e dezembro, que aí sim a gente considera com menos erros, com uma probabilidade menor de você esta cometendo injustiças.

19-Por que somente em julho e dezembro?

R.: Por que é um momento transitório, onde termina as competições no final do ano, a gente faz a ascensão de atleta de uma categoria para outra, existe algumas dispensas por aqueles que não estão se adaptando ao clube, então é o momento de você trazer novos atletas, então a gente acha que o momento ideal de se fazer uma avaliação é na metade e no final do ano até, por exemplo, se você precisar trazer um garoto de fora, transferência escolar, você tem uma série de processos que facilita a metade e o final do ano para fazer essas mudanças.

20-Os atletas que não são profissionalizados podem ser aproveitados pela equipe amadora do Trieste?

R.: Podem, a tendência desses meninos, por que infelizmente a gente não vai conseguir profissionalizar todos, esse é um processo natural de seleção. A gente sabe que a nossa idéia aqui é evidentemente propiciar uma condição para que alguns realmente consigam chegar, e esses alguns possam contribuir para que outros cheguem através do seu sucesso e o retorno financeiro que ele possa vir a dar, e aqueles que por ventura não consigam pelo menos levem o esporte, levem o futebol como uma vida saudável de lazer aí para o seu futuro e passem por um principio evidentemente de formação de caráter e a partir daí usem o futebol como um lazer, seja no futebol amador, seja na sua pratica de final de semana. Mas enfim, infelizmente a gente não tem como propiciar o sucesso de todos, mas a gente procura pelo menos dar uma condição mínima para que o esporte seja uma coisa saudável para ele, vamos dizer assim, uma pratica saudável para o seu dia-a-dia.

21-Para que o clube se proteja dos “aliciadores” de jogadores, esses atletas assinam algum contrato com Trieste, ou algum tipo de vínculo?

R.: A lei hoje no Brasil ela é muito falha com relação ao clube formador, ela não dá uma segurança. Então você tem algumas situações da Lei Pelé, da Lei Zico, da própria FIFA que fornece ao clube os 5% do direito de formação e o direito de solidariedade pela formação do atleta, mas isso é muito pouco pra quem investe 4, 5 anos num atleta. Então a gente imagina que deve ser repensado algumas situações na lei que possa dar alguma condição um pouco melhor para o clube formador. Por que hoje o atleta só pode fazer o seu primeiro contrato aos 16 anos de idade. Então você às vezes trabalha de uma forma correta, respeitando a idade dessas crianças até por 3, 4 anos, e você corre o risco realmente de um outro clube, não só de empresários e de possíveis procuradores, vamos chamar assim, chegar por traz na família do atleta, e através de promessas acabar te levando um trabalho teu de 3, 4 anos. Hoje o Trieste, nós não tivemos nenhum problema nesse sentido ainda, até por que nós procuramos fazer um trabalho com muita ética, respeitando a origem dessas crianças, seja de escolinha, seja de uma equipe de futsal, a gente procura respeitar, a gente sempre trabalha com parcerias, com bonificações, com percentuais de direitos econômicos. E os grandes clubes têm respeitado o Trieste justamente por acreditar que aqui é uma fonte muito interessante para eles, então eles têm procurado respeitar o nosso trabalho e até agora não tivemos nenhum tipo de relacionamento negativo com clubes profissionais que de uma forma ou de outra pudesse tirar um atleta nosso. Mas a gente tem consciência de que a lei hoje deve ser repensada por que se não fica, até por que no futebol existe muito pouca ética nas relações em função desse mercado maluco que é o futebol, desse envolvimento financeiro que existe. Então muitas pessoas sem a ética necessária, sem caráter acabam entrando nesse mercado e trazendo realmente uma competição bastante complicada. Hoje o Trieste tem, por exemplo, contrato de representação com todos os seus atletas, nós temos procuração com as famílias, nos temos todos os atletas registrados na federação. Mas, por exemplo, pela lei se um atleta ficar aqui por 1 ano 11 meses e 29 dias e sair o Trieste não tem direito a nada. Se ele completar dois anos o Trieste passa a ter direito a 5% de formação se um dia ele sair e se tornar um atleta num outro clube. Então a lei tem muita falha, como é que você

pode ficar 1 ano, 11 meses e 29 dias sem ter direito nenhum e dois anos você passa a ter direito. Então deveria ser mais proporcional, e deveria se respeitar um pouco mais o vínculo. Antigamente só pensava no lado do clube e não no lado da criança, a criança ficava presa, hoje só se pensa no lado da criança e esqueceu-se do clube. Isto está fazendo com que muitos clubes deixem de investir nas categorias de base.

22-Então o Trieste se tornou uma espécie de “válvula de escape” para os clubes, fazendo esse papel de formador que os clubes faziam antigamente?

R.: Exatamente, foi justamente pensando nesse buraco do mercado, que o Trieste, quando eu fui convidado pela família Stival para vim coordenar o projeto, a gente pensou em atacar. Por que as escolinhas que existem de futebol hoje fazem um trabalho muito bom, mas evidentemente que eles têm de trabalhar com todo o nível de criança, tem que dar um atendimento onde realmente a idéia é você integrar e não há condição de você dar um trabalho de rendimento de evolução de performance para essas crianças. E o clube também não queria investir por que não tinha segurança, o clube profissional. Então o Trieste veio com a idéia de ser a ponte entre a escolinha e o clube, pegando o garoto que vai bem nas escolinhas, fazendo um trabalho de lapidação, e desse trabalho de lapidação caminhando para uma vitrine maior. E a gente tem conseguido fazer isso a ponto de começarmos o ano passado a direcionarmos os primeiro meninos, e já termos hoje aí 14 garotos profissionalizados e diversos aí para serem encaminhados nos próximos meses.

23- A respeito das fontes de renda do clube, a Stival arca com tudo ou existe alguma outra fonte?

R.: A Stival é a única patrocinadora de todo o projeto aqui. Essas placas que existem no campo são de produtos da Stival Alimentos. Então hoje a Stival é a única patrocinadora de todo o projeto, não existem parceiros. O Trieste, nós estamos trabalhando no projeto de incentivo pela Lei Fiscal, estamos trabalhando num projeto para buscar parceiros e patrocinadores, mas ainda não temos nada de concreto. E hoje a Stival Alimentos é a única e exclusiva patrocinadoras de todas as atividades.

24-Inclusive material esportivo?

R.: Sim, tudo é comprado pela Stival Alimentos, evidentemente que isso é uma coisa natural, por que nós não temos ainda, agora é que nós começamos a ser reconhecidos, pelo trabalho, pela estrutura, pelo nome. Evidentemente que agora já se começa a se mexer atrás de novas parcerias para poder também ajudar a família Stival que tem feito um sacrifício muito grande para manter esse projeto.

25-No futuro é provável que haja a entrada de novos parceiros?

R.: *É, eu acho inevitável, por que você começa a estar na vitrine, começa a estar na mídia, começa a aparecer os resultados, o trabalho. Evidentemente que o caminho normal é você aliar empresas, patrocinadores junto com esse sucesso. Então a gente imagina que a partir de agora o caminho agora do Trieste é continuar colocando os meninos no mercado, se aliar a algumas empresas para ser parceiras desse projeto, para fortalecer ainda mais e a gente poder ajudar ainda mais crianças, não só as que vão ser atletas mas também outras que seguirão a vida naturalmente.*

26- Em relação aos jogadores que não se profissionalizam e partem para o amador, eles tem condição de se manter financeiramente jogando futebol de forma amadora?

R.: *Veja bem, a maioria dos clubes que tem uma condição mínima de estrutura aí, que são tradicionais no futebol amador de Curitiba, Combate Barrerinha, Vila Hauer, Urano, Capão Raso, Trieste, eles já tem uma cultura de pagar bonificações para esses atletas, por partida, por jogo, aquela contribuição para que essas pessoas possam estar ali jogando no final de semana. Então eu acho que o mais natural é que eles aliem isso aí como uma pratica de lazer e algo a mais. Mas sempre tendo paralelo a isso a sua vida profissional, a sua vida pessoal. Eu acho muito difícil hoje o atleta viver simplesmente do futebol amador. Por que 90% dos atletas que eu conheço, que jogam inclusive pelo Trieste tem uma outra situação profissional, e usam o futebol por que gostam e não tiveram oportunidade de ser um atleta profissional e alguns ainda até tem esperança de serem vistos por alguns clubes por que são novos ainda, mas evidentemente o que é feito é apenas uma pequena gratificação que dificulta demais a manutenção de uma pessoa com uma qualidade de vida mínima.*

27-A Prefeitura e a Federação apóiam financeiramente de alguma forma o clube?

R.: *Não, o Trieste por ser um clube amador é isento de algumas situações, de IPTU, de alguns impostos. Mas a Federação o Trieste banca todas as despesas normais de inscrição, registro, transferências. Até por ter hoje esse respaldo da Stival e dessa estrutura física que nós temos aqui hoje, nós somos tratados pela Federação com um clube profissional, mesmo não sendo. Por que eles já estão vendo o Trieste por essa estrutura e pelos resultados da mesma forma que é visto Curitiba, Atlético e Paraná.*

28-Existe algum projeto de profissionalizar o clube, de o Trieste passar a disputar campeonatos profissionais?

R.: *A principio o nosso projeto não contempla essa profissionalização futura. A gente não pode dizer que jamais faremos isso por que o futuro à Deus pertence, e eu acho que hoje nós temos uma estrutura que poucos clubes de futebol do interior tem, e disputam o campeonato profissional. Apesar de não estar em nossos planos hoje disputar uma categoria profissional a gente também não descarta essa possibilidade. Evidentemente vai depender muito do futuro, dos negócios que forem acontecer nessas negociações nas categorias de base. Se as coisas começarem a acontecer, nós estamos*

situados num bairro italiano onde o pessoal adora o futebol. Nós fizemos aqui em 2007 uma final do campeonato amador que deu 4 mil pessoas, nós tivemos que fechar os portões do clube. Então com a estrutura física que nós temos hoje, com as equipes competitivas de base, se a gente tiver o parceiro correto, de patrocinadores e incentivo a gente não pode descartar a possibilidade de vir a disputar uma competição profissional. Mas hoje, no planejamento de trabalho nosso, o nosso objetivo é trabalhar com a formação de atletas até a categoria de juniores e estar encaminhando esses atletas para uma vitrine maior. Agora muita coisa pode acontecer no futuro, talvez daqui 2, 3, 4 anos o Trieste esteja disputando o campeonato estadual da primeira divisão. A gente já recebeu convite para parcerias e tal, mas a gente quer estar dando um passo de cada vez, para poder não se precipitar e seguir o planejamento. Até por que até agora ocorreu tudo perfeito então a gente acha que não tem por que ter pressa. Se tiver de acontecer vai acontecer naturalmente. Mas hoje não faz parte dos nossos planos, hoje pelo menos.

29-Potencial tem?

R.: Potencial tem. Se a gente quisesse jogar uma terceira divisão ano que vem pra subir para a segunda, e para a primeira. Inclusive já fomos convidados a sermos parceiros na própria primeira divisão de um outro clube. Mas hoje nós estamos estudando com carinho, fazendo as coisas com bastante calma. E eu acho que se um dia o Trieste vier a entrar numa situação dessa vai ser com as próprias pernas para continuar fazendo um trabalho da mesma forma que foi feito até agora, com muito profissionalismo, de uma forma muito organizada, para que a gente possa quem sabe contribuir para que essa imagem tão negativa que o futebol tem, de amadorismo completo, de falta de gestão administrativa, a gente quer tentar de alguma forma mudar isso. Eu acho que na base a gente já está mudando, isso mostra que em dois anos de atividade, hoje pode dizer que lidera as categorias de base de Curitiba já, superando clubes de 100 anos de história. Isso mostra que o trabalho está correto e eu acho que não tem por que mudar.

30-Você participou da negociação da parceria?

R.: Foi até engraçado, eu conheci a família Stival no Rio de Janeiro. Eu fui ao Rio fazer um curso com o Parreira, e lá conheci o Rafael Stival que é um dos diretores da Stival Alimentos e ele falou que queria no futuro montar um projeto de formação de atletas e falou que quando fosse fazer isso iria me convidar para coordenar. Na hora eu não dei muita bola, achei que era mais um empresário querendo ganhar dinheiro em curto espaço de tempo, mas depois conhecendo melhor a família Stival, e ela foi me conquistando com sua ética, com sua forma de utilizar padrão para gerenciar o projeto, então eu montei desde as primeiras categorias, eu participei do projeto dessa obra que existe aqui hoje. Então a gente está envolvido desde o início, está feliz pelo o que está acontecendo, e a gente imagina que as coisas estão acontecendo conforme o planejado. Então é torcer para que as coisas caminhem bem, se fortaleçam por que não vai ser bom apenas para a Stival, mas principalmente para essas crianças que vão ter mais uma porta aberta pra quem sabe atingir esse sonho maluco de se tornar um atleta profissional.

ANEXO 4

ENTREVISTA TRANSCRITA NA ÍNTEGRA COM O PRESIDENTE

1- O clube possui sede própria?

R.: *Sim, o campo e todas as outras dependências são de propriedade do Trieste Futebol Clube. A Stival Alimentos, através da parceria, utiliza em conjunto, mas os jogos e treinamentos da equipe adulta são feitos aqui.*

2- Além do futebol, existe alguma outra prática esportiva no clube?

R.: *Sim, são oferecidas à comunidade toda uma estrutura para a prática de modalidades esportivas como natação, futsal, futebol em grama sintética e a academia de ginástica. Mas a nível de competição não.*

3- Em relação ao quadro associativo, como se configura?

R.: *Bem, o Trieste é clube que foi fundada em 1937 por imigrantes de italianos. Há muitos sócios dessa época, de vez em quando a gente fica sabendo que um ou outro faleceu. Mas hoje nós temos de 100 a 120 sócios que pagam anuidade ao clube. Temos também em torno de 200 sócios beneméritos e remidos. O Conselho Deliberativo é composto por 60 membros. Mas no momento não estamos “angariando” mais sócios. Estamos num processo de solidificação desse projeto e por enquanto não temos interesse em fazer novos associados.*

4- Como funciona o processo eleitoral do clube?

R.: *Fazemos eleições de 2 em 2 anos. São formadas as chapas que pleiteiam os cargos, e é feita a votação.*

5- Sobre reeleição, há um limite de mandatos?

R.: *Não, o presidente ou a chapa pode ser reeleito quantas vezes quiser e conseguir. É ilimitado.*

6- Como se configura politicamente o clube?

R.: *O clube é constituído por Conselhos. Existe o Conselho Diretor, que é por mim presidido. O Conselho Deliberativo que funciona como uma espécie de Congresso Nacional, que convoca reuniões quando necessário para decidir sobre questões onde se é necessário uma aprovação da maioria. Além disso, tem o Conselho Fiscal, Conselho de Patrimônio e o Conselho de Obras.*

7- Os membros da Diretoria e dos conselhos são remunerados?

R.: *Não, todos fazem esse trabalho de forma voluntária.*

8- Quando da formação da parceria com a Stival Alimentos, houve alguma resistência entre os sócios e conselheiros?

R.: De forma alguma. Foi uma questão decidida de forma unânime. Até por que dentro do clube já se discutia um projeto de parceria, já estava nos planos abriremos o clube para idealizarmos um projeto como o que existe hoje. O Trieste é um clube que de certa forma pertence à comunidade, e os seus sócios e conselheiros têm filhos, netos e familiares que desfrutam da estrutura que temos aqui. Entre os sócios e conselheiros existem pessoas que são grandes empresários, de grandes empresas até multinacionais, então eles tem uma visão empresarial e sabem o que é bom para o clube. Sem dizer que a própria empresa Stival fez uma pesquisa, e chegou ao Trieste sabendo que aqui eles lidariam com pessoas serias e competentes para firmar um contrato como esse.

9- Quais as fontes de renda do clube?

R.: Nós temos o patrocínio da Stival Alimentos. De acordo com o contrato a empresa administra todas as demais receitas de locações, mensalidade e negociação de jogadores. Mas uma parcela é revertida para o Trieste, que mesmo participando de campeonatos amadores tem um certo gasto com transporte, alimentação, uniformes. Tudo isso sai do nosso bolso. Nos não gastamos mais do que arrecadamos, mas tudo que arrecadamos nós gastamos.

10-Os jogadores do time amador adulto têm algum contrato ou vínculo com o Trieste?

R.: Veja bem, não existe contrato ou vínculo com os atletas amadores. Embora eles sejam federados e registrados como atletas do Trieste na federação, eles podem sair quando quiserem. É claro que se eles quiserem trocar o Trieste por outro clube e tiverem inscrito como jogador nosso, tem que ter o nosso consentimento. Porém, nós temos um pensamento em não segurarmos o atleta se ele tiver algo que seja melhor para ele, não fazemos isso. Mas geralmente é o contrario, os jogadores de outros clubes querem vir para o Trieste, por que nós trabalhamos com muita seriedade e respeitamos as pessoas.

11-Se um jogador se destacar e chamar a atenção de empresários e de clubes profissionais o Trieste não é ressarcido financeiramente?

R.: A menos que ele tenha um contrato com a Stival, de outra forma não por que não há um contrato. Às vezes o jogador tem o seu representante e esse tem um compromisso conosco, mas como eu disse isso é com a Stival.

12-O senhor vê possibilidade de o Trieste um dia se profissionalizar?

R.: Existe essa possibilidade, é algo muito discutido dentro do clube. O Trieste de certa forma é um clube profissional, nós temos uma estrutura que poucos clubes do interior têm. Mas um projeto como esse é algo muito serio, existe um investimento grande, e ninguém entra num negocio pra perder dinheiro. Se um

dia viermos a nos profissionalizar, queremos ter uma base bem solidificada, por que sabemos que tem muita coisa que envolve um clube profissional. Não queremos começar um trabalho que dure 1 ou 2 anos e não tenhamos possibilidade de continuar. Então, nós estamos trabalhando de forma a fortalecer o clube cada vez mais e quando acharmos que teremos condições de fazermos isso daí o conselho se reunirá e decidirá.